



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS) - CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)
UFFS

GUSTAVO VON AH

**AS RELATIVAS RESTRITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM
CARTOGRÁFICA**

CHAPECÓ
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS) - CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)
UFFS

GUSTAVO VON AH

AS RELATIVAS RESTRITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM
CARTOGRÁFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos PPGEL para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Ani Carla Marchesan

CHAPECÓ
2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ah, Gustavo Von

As Relativas Restritivas no Português Brasileiro:
Uma Abordagem Cartográfica / Gustavo Von Ah. -- 2024.
94 f.

Orientadora: Doutora Ani Carla Marchesan

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2024.

1. Orações relativas restritivas em abordagem
cartográfica. 2. Relativas Restritivas do PB. I.
Marchesan, Ani Carla, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

GUSTAVO VON AH

**AS RELATIVAS RESTRITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM
CARTOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos PPGEL para a obtenção do grau de mestre.

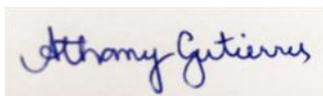
Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca examinadora em 16/02/2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ani Carla Marchesan - UFFS

Orientadora



Profa. Dra. Athany Gutierrez - UFFS

Avaliadora



Profa. Dra. Simone Guesser

Avaliadora

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo descrever e explicar as características das orações relativas do PB (De Vries, 2002), com foco principal nas relativas com núcleo e restritivas. Especificamente, objetivamos revisitar a literatura referente às relativas, de modo a encontrar a maneira mais adequada de descrever suas propriedades semânticas (De Vries, 2002; Valer, 2008; Santos, 2015), sua classificação (Tarallo, 1983; Kenedy, 2002, 2023; Valer, 2008), propriedades lexicais (Valer, 2008; Marchesan, 2012) e propriedades sintáticas (Tarallo, 1983). Observamos que o Modelo *Raising* é o modelo que mais adequadamente descreve as relativas (Kayne, 1994; Bianchi, 1999; Kenedy, 2023). Realizamos as testagens com os pronomes relativos a fim de verificarmos as possibilidades de uso no PB. Por fim, através do *Raising*, ao final da dissertação, propusemos uma descrição das relativas restritivas em perspectiva cartográfica (Rizzi, 1997; Cinque, Rizzi, 2008; Guessier, 2020; Tescari Neto, 2020).

Palavras-chave: Sentenças Relativas. Relativas Restritivas. Cartografia Sintática.

ABSTRACT

The present work aimed to describe and explain the characteristics of the relative clauses of BP (De Vries, 2002), with a main focus on the headed relatives and restrictive relatives. Specifically, we aim to revisit the literature regarding relative clauses, in order to find the most appropriate way to describe their semantic properties (De Vries, 2002; Valer, 2008; Santos, 2015), their classification (Tarallo, 1983; Kenedy, 2002, 2023; Valer, 2008), lexical properties (Valer, 2008; Marchesan, 2012) and syntactic properties (Tarallo, 1983). We observed that the *Raising* is the model that best describes the relatives (Kayne, 1994; Bianchi, 1999; Kenedy, 2023). We did tests with relative pronouns in order to check the possibilities of use in BP. Through *Raising*, at the end of the dissertation, we proposed a description of the restrictives relatives from a cartographic perspective (Rizzi, 1997; Cinque, Rizzi, 2008; Guessier, 2020; Tescari Neto, 2020).

Keywords: Relative Clauses. Restrictive Relatives. Syntactic Cartographic.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	7
Capítulo 1: A Sintaxe das Relativas.....	11
1.1 <i>Relativas com núcleo: características gerais.....</i>	12
1.2 <i>Propriedades semânticas.....</i>	18
1.3 <i>Propriedades Lexicais.....</i>	21
1.4 <i>Classificação das Relativas.....</i>	27
1.5 <i>Propriedades Sintáticas.....</i>	31
1.6 <i>Considerações finais do capítulo.....</i>	37
Capítulo 2: Os Modelos de Análise.....	40
2.1 <i>A hipótese do wh-movement (Chomsky, 1977).....</i>	40
2.2 <i>A proposta de Kayne (1994) revisitada por Bianchi (2000) e Kenedy (2002, 2023).....</i>	52
2.3 <i>Considerações finais do capítulo 2.....</i>	55
Capítulo 3: A Abordagem Cartográfica e as relativas restritivas.....	58
3.1 <i>Breve histórico.....</i>	58
3.2 <i>As relativas com núcleo em abordagem cartográfica.....</i>	63
3.3 <i>Considerações finais do capítulo 3.....</i>	82
Considerações Finais	84
Referências Bibliográficas.....	92

Considerações Iniciais

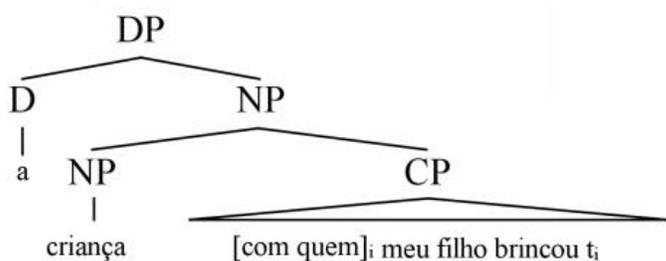
Não é de agora que a análise da estrutura das línguas naturais vêm sendo foco de estudos. Mesmo assim, vale destacar a atemporalidade desses estudos, visto que novas descobertas têm revelado o funcionamento das estruturas linguísticas das línguas naturais que estão em constante mudança e refletem a cultura dos povos, enriquecendo as possibilidades de pesquisas na área.

Um dos fenômenos em destaque é a relativização. Diversos estudiosos têm buscado explorar cada vez mais o universo das cláusulas relativas, procurando compreender e explicar esse vasto campo.

No âmbito do português brasileiro (PB), podemos citar inúmeros linguistas que dedicam seu trabalho aos estudos das orações relativas (Tarallo (1983), Kato (1993), Mioto (1994), Marchesan (2008, 2012), Kenedy (2002, 2007, 2014, 2023), Medeiros Junior (2005)). Contudo, apesar de existirem significativos estudos acerca do assunto, ainda existem lacunas a serem estudadas, principalmente quando tratamos, por exemplo, da derivação dessas estruturas: (i) o núcleo nominal faz parte da relativa? (ii) a relativa está em uma posição de adjunção ou de complementação de um núcleo da sentença matriz? (iii) como ocorre o movimento do pronome relativo?

No Modelo Tradicional, proposto por Chomsky (1977), a relativa está em uma posição de adjunção (adjunto adnominal) ao núcleo nominal. Esse núcleo nominal¹ é gerado fora da relativa:

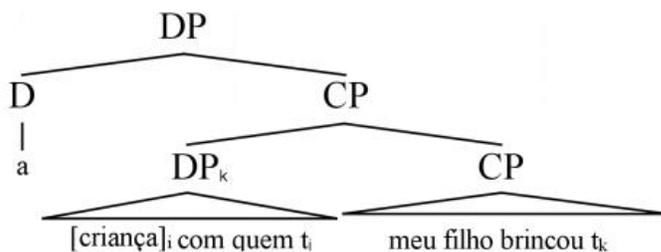
- (1) Eu reconheci [DP a [NP [NP criança [CP/relativa [com quem]_i meu filho brincou t_i]]].



¹ Núcleo nominal será encontrado como NP (noun phrase).

Outra análise, Modelo *Raising*, consolidada no trabalho de Kayne (1994) a partir da proposta do LCA (*Linear Correspondence Axiom*), define que a relativa é um complemento do determinante e que o núcleo nominal nasce no interior da relativa (ou seja, faz parte da relativa) e se move para a periferia esquerda da relativa. Este é o modelo de análise que definimos para a descrição dos dados no decorrer do trabalho. Sua representação segue abaixo:

(2) Eu reconheci [_{DP} a [_{CP/relativa} [[_{NP} criança]_i com quem t_i]_k meu filho brincou t_k]].



Além disso, a descrição das relativas do PB, sobretudo as que contêm os elementos *wh* [quem], [o que], [quanto], [quando], [onde], [como] [qual] e [cujo], ainda não é tão clara. Será que todos esses pronomes podem introduzir relativas? Em que posições sintáticas eles podem estar? Há alguma restrição de ocorrência?

Neste cenário, o objetivo geral desta pesquisa é: descrever e explicar as características das orações relativas restritivas do PB, dentro da perspectiva gerativista e do Modelo *Raising*, propondo uma descrição dessas em abordagem cartográfica.

Especificamente, esta dissertação procura dar conta de três objetivos específicos. O primeiro é revisar a literatura que cerca a sintaxe das sentenças relativas para fazer uma descrição das características gerais dessas estruturas, percorrendo suas propriedades semânticas, lexicais e sintáticas, dando enfoque particular as relativas restritivas. O segundo objetivo específico refere-se à apresentação dos modelos de análise. Nesta etapa, apresentaremos os motivos pelos quais adotaremos o Modelo *Raising* na sequência da pesquisa.

Após concluída os primeiros objetivos, pretendemos fazer um breve histórico da cartografia sintática (RIZZI, 1993, 1997) de modo a verificar como se dá a arquitetura do

CP (sintagma complementizador), camada que comporta os pronomes relativos. Para Rizzi (1997) e trabalhos posteriores, o CP deve ser concebido como o sistema articulado de projeções X-barras. Na conclusão deste trabalho, tentaremos propor uma descrição das relativas restritivas do PB conforme a arquitetura do CP no modelo em *raising*, em abordagem cartográfica.

Para essa empreitada, organizamos esta dissertação em três capítulos. No capítulo 1, apresentaremos as propriedades das sentenças relativas, iniciando pelas características gerais (seção 1.1), propriedades semânticas (seção 1.2), propriedades lexicais (seção 1.3), classificação (seção 1.4) e propriedades sintáticas (seção 1.5).

No capítulo 2, compreenderemos o funcionamento da representação estrutural das sentenças relativas no Modelo *Raising*, de modo a revisitar a literatura acerca desse fenômeno. Primeiramente, faremos uma contextualização breve do surgimento do *raising* com trabalhos de Schachter (1973), Vergnaud (1974) e Brame (1976). Em seguida, faremos um breve paralelismo com o modelo tradicional de Chomsky (1977), de modo a introduzir as implicações do LCA de Kayne em 1994, que fizeram com que o *Raising* fosse novamente foco de estudos.

O terceiro e último capítulo visa contribuir com os estudos acerca das relativas, com ênfase nas restritivas, no que se refere à projeção de CP expandido, proposta por Rizzi (1997). Sabe-se que as relativas são objeto de estudo de diversos pesquisadores importantes da área, contudo, há poucos trabalhos, quiçá nenhum do PB, que buscaram projetar as relativas nesse modelo cartográfico.

Desse modo, o capítulo 3 traz, primeiramente, um breve histórico da cartografia sintática (seção 3.1), com as contribuições de trabalhos importantes de Rizzi (1997), Bianchi (1999/2000), Bentea (2010), Guessier (2020), entre outros. Na sequência, propõe uma investigação acerca da representação estrutural das relativas restritivas para, então, tentarmos inserir suas propriedades nesse modelo (seção 3.2).

Capítulo 1: A Sintaxe das Relativas

Não é de agora que o fenômeno da relativização desperta interesse de importantes pesquisadores, como Tarallo (1983), De Vries (2001, 2002), Kenedy (2002, 2014, 2023), Kato (1993), Marchesan (2008, 2012), Valer (2008), entre outros. A descrição e explicação de como se estrutura uma sentença relativa tem ocupado grande parte da literatura produzida por estudiosos da área já que essas sentenças encaixadas manifestam-se em diferentes graus de complexidade, estruturando-se de diversas maneiras a depender da língua (Kenedy, 2014).

Em De Vries (2001, 2002), encontram-se as diferenças entre cada formação estrutural possível de 223 estratégias de relativização presentes em 172 línguas ao redor do mundo. Estas variações paramétricas, segundo o autor, são as elencadas abaixo:

(3)

- | | |
|--|--------------------------------------|
| a. Tipo de modificação/relação: | restritiva/apositiva/de grau |
| b. Status hierárquico da sentença relativa: | incorporado ao DP, correlativa |
| c. Presença de um núcleo: | relativas com núcleo/livres |
| d. Presença de pronome relativo: | sim/não |
| e. Presença de complementizador: | sim/não |
| f. Presença de pronome resumptivo: | sim/não |
| g. Posição hierárquica do núcleo: | relativas com núcleo externo/interno |
| h. Ordem linear do núcleo e da relativa: | núcleo inicial/final |
| i. Flexão verbal da relativa: | relativas finitas/não finitas |
| j. Posição do DP em relação ao N e à relativa: | inicial/meio/final |
| k. Posição do marcador (caso), se houver: | em N, em N e na relativa |

(De Vries, 2002, p. 17-18, tradução nossa)

Neste primeiro capítulo, assim sendo, pretendemos revisitar as propriedades das orações relativas do PB, tendo em vista as propriedades elencadas em (3) acima, com exceção de (3k) pelo fato de o PB não ter marcação de caso morfológico.

Desse modo, nas seções que compreendem este capítulo, temos o objetivo de fornecer as características das orações relativas do português brasileiro (PB daqui por diante), observando a seguinte ordem das propriedades:

- o status hierárquico da relativa (3b);
- a presença de um núcleo (3c);
- a presença do pronome relativo (3d);
- a presença do complementizador (3e);
- a presença do pronome resumptivo (3f);
- a posição hierárquica do núcleo (3g);
- a ordem linear do núcleo e da relativa (3h);
- a flexão verbal da relativa (3i);
- a posição do determinante (3j);
- o tipo de modificação (3a).

Para a descrição dessas propriedades, e ao longo de toda essa dissertação, utilizaremos o Modelo *Raising* (cf. 2), conforme já apontado no capítulo de introdução. Após a descrição das propriedades das relativas do PB, definiremos aquelas que serão melhor exploradas nesta pesquisa.

1.1 Relativas com núcleo: características gerais

As relativas do PB são classificadas em relativas com núcleo nominal (do inglês *headed relatives*) e relativas sem núcleo nominal (do inglês *headless relatives, free relatives*), como as que estão sublinhadas abaixo:

- (4) a. Eu conheci o rapaz **que** ganhou na Mega Sena.
 b. Eu conheci **quem** ganhou na Mega Sena.

Em (4a), a relativa [rapaz que ganhou na Mega Sena] é complemento do Determinante [_D o]. O constituinte [rapaz], que é modificado pelo constituinte [que

ganhou na Mega Sena], é chamado de núcleo nominal. O [que], considerando-o como um pronome relativo (um pronome-wh), é o pronome relativo correferente ao núcleo nominal, conforme se pode notar ao dividir a sentença (4a) em duas sentenças simples, como apresentado em (5a). Além de ser complemento de D, o pronome relativo pode incorporar os traços semânticos do núcleo nominal, como em (4b), acima. Em (4b), não há um núcleo nominal, mas há o pronome relativo [quem] que incorpora um traço [+humano], do tipo [alguém, pessoa, rapaz] etc. e faz o encaixe com a sentença matriz, conforme ilustrado em (5c):

- (5) a. Eu conheci **o rapaz**. **O rapaz** ganhou na Mega Sena.
 b. Eu conheci **alguém/quem**. **Alguém/quem** ganhou na Mega Sena.

À sentença encaixada do tipo de (4a), por apresentar um núcleo nominal, dá-se o nome de *relativa com núcleo*. À outra encaixada, de (4b), dá-se o nome de *relativa sem núcleo nominal* ou *relativa livre*.

As características abaixo são consideradas, por De Vries (2001, 2002), propriedades universais das relativas com núcleo:

- (6) i. Uma sentença relativa é encaixada;
 ii. Uma sentença relativa é conectada ao material circundante por um pivô.

(De Vries, 2001, p. 231, tradução nossa)

Retomando o exemplo citado em (4a), temos o pivô (aqui também chamado núcleo nominal, NN, ou antecedente) [rapaz] que encabeça a sentença relativa [rapaz que ganhou na Mega Sena], sentença encaixada à sentença matriz [eu conheci].

Dessa forma, em relação ao *status* hierárquico da relativa (propriedade 3b), as relativas do PB estão incorporadas em um DP e, no que se refere à presença de um núcleo (conforme propriedade 3c), as relativas do PB podem ser dos dois tipos: *com* ou *sem pivô/núcleo*.

Em relação à posição (3g) e à ordem linear (3h) do núcleo nominal, as relativas do PB são, respectivamente, de núcleo interno à relativa (7b), considerando o Modelo *Raising*, e de núcleo inicial, ou seja, são pós-nominais (8b):

(7) Posição do núcleo nominal:

a. [Nuna **bestya-ta** ranti-shqa-n] alli bestya-m ka-rqo-n. (núcleo interno)
 homem cavalo-ACC compr-ou bom cavalo-EVID era.

Língua Ancash Quechua (De Vries, 2001, p. 234)

b. O [**cavalo** que o homem comprou] era bom. (núcleo interno)

(8) Ordem linear do núcleo nominal:

a. Wǒ ba [nǐ gěi wǒ de] **shū** diūdiào-le. (pré-nominal)
 Eu ACC você deu eu NR livro perd-eu.

Língua Mandarim Chinês (De Vries, 2001, p. 234)

b. Eu perdi o [**livro** [que você me deu]]. (pós-nominal)

As sentenças acima, em (b), são as traduções das sentenças em (a). Observe que, no Quechua, língua indígena falada na América do Sul, o núcleo nominal, *bestya* (cavalo) está dentro da relativa. No PB, o núcleo nominal deve estar na periferia esquerda da relativa (7b), iniciando-a (8b), ou seja, a relativa deve estar após o núcleo nominal (por isso, relativa pós-nominal). Já o Mandarim (8a), a título de exemplificação, é uma língua em que, segundo De Vries (2001), o núcleo nominal deve estar após a relativa, ou seja, a relativa deve estar antes do núcleo nominal e, por este motivo, as relativas são chamadas de pré-nominais.

O núcleo nominal, que em PB, está adjacente e encabeçando a relativa, é do tipo *determinante inicial* em relação à posição do determinante do Núcleo Nominal (3j); ao contrário do Sueco (9a), em que o determinante está após o núcleo nominal, e do Indonésio (9b), em que o determinante está no final da relativa. Observe:

- (9) a. Jag talade med *mann-en* [vilken känner dig]. (Sueco)
 Eu falei com *homem-o* [que conhece você].
- b. Dia menulis *buku* [yang tebal] **itu**. (Indonésio)
 Ele escreveu *livro* [o-qual grosso] **aquele**.
 ‘Ele escreveu aquele livro [que é grosso]’

(De Vries, 2001, p. 234)

Nos estudos sobre as relativas do PB, ainda não há consenso no que se refere à possibilidade de haver relativas com complementizador (3e). É consenso que há relativas com a presença de pronome relativo (3d). As discussões giram em torno do [que], considerado complementizador para Tarallo (1983), que pontua exceção às relativas *pied-piping* que, segundo ele utilizam um [que] pronome relativo, já que o complementizador não pode ser precedido de preposição; e pronome relativo para Kato (1993), que parte da hipótese LD (*Left Dislocation* - deslocamento à esquerda). Outro consenso sobre o PB é que a língua não permite relativas com Comp Duplamente preenchido² (10), ao contrário do que ocorre com as perguntas-wh (11), e não permite construções relativas sem um elemento-wh (do inglês, *zero relative*), seja ele relativo ou complementizador (12)³, ao contrário do que ocorre com a língua inglesa (13):

- (10) a. *O rapaz com **quem/que** você conversou ontem ganhou na Mega Sena.
 b. *Jill visitou o museu **o qual/que** eu recomendei.
- (11) a. Com **quem/?que** você conversou ontem?
 b. **Qual/que** museu (**que**) Jill visitou?
- (12) a. O rapaz com *(**quem**) você conversou ontem ganhou na Mega Sena.

² No estudo de Tarallo (1983), ele encontrou 3 casos de relativas do PB com Comp Duplamente preenchido.

³ O asterisco fora dos colchetes indica que o apagamento do constituinte agramaticaliza a sentença.

O rapaz (com) *(**que**) você conversou ontem ganhou na Mega Sena.

b. Jill visitou o museu *(**o qual**) eu recomendei.

Jill visitou o museu *(**que**) eu recomendei.

(13) Jill visited the museum (**that**) I recommended. (De Vries 2001, p. 234)

Em (10a) e (10b), nota-se que a presença do elemento-wh com o pronome relativo (ou complementizador) faz com que a sentença torne-se agramatical. Entretanto, nas perguntas-wh em (11a) e (11b), a presença dos dois elementos é permitida, mesmo que para isso ocorra o Comp Duplamente preenchido.

Em relação à flexão verbal (conforme propriedade 3i), as relativas podem ser finitas ou infinitivas:

- (14) a. O livro que João **comprou** estava rasgado.
 b. O livro que João **comprará** está sobre o balcão.
 c. João não tem o que **comprar** na livraria.
 d. João não tem quem o **acompanhe** até a livraria.

Os exemplos em (14a) e (14b) representam relativas com núcleo em que o verbo se encontra no modo indicativo; em (14d), o verbo encontra-se no subjuntivo. Ou seja, são sentenças finitas. Já a relativa (livre) contida em (14c) tem um verbo no infinitivo. Ao que parece, apenas relativas livres conseguem ser formadas por verbo no infinitivo. Não pode despistar a análise sentenças em (15a) abaixo,

- (15) a. O menino que **comprar** um livro receberá um prêmio.
 b. Os meninos que **comprarem** um livro receberão um prêmio.

porque estamos diante de um verbo no infinitivo pessoal (subjuntivo), como se pode atestar ao mudarmos o sujeito [O menino] (singular) para o sintagma no plural [Os meninos] em (15b).

No que diz respeito à presença/ausência de um pronome resumptivo (3f), podemos dizer que essa presença é permitida com mais frequência quando o elemento-wh é o [que]⁴. Em seu trabalho, Tarallo (1983) identificou alguns fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos que favorecem o uso do pronome resumptivo nos dados de fala. Dentre eles, destacam-se a posição sintática (14a, 14b), a extensão do núcleo nominal (14c), a presença de material interveniente depois do [que] (14d) e o tipo semântico da relativa (14e). Observe:

- (16) a. Mas ela tinha um primeiro namorado, que ela gostava dele pra caramba. (SP81-2-U-175)
- b. Tem uns lá que eu não saio da casa deles. (SP81-1-K-087)
- c. Sou exatamente ao contrário do meu irmão mais novo, porque ele é o tipo de pessoa que ele adora ficar em casa lendo. (SP81-2-H-291)
- d. Tinha uma outra que era alemã, que não sei que cargas d'água ela saiu. (SP81-1-A-503)
- e. Tem um moço que ele nunca se adaptou à família. (SP81-2-15-086)
- f. Mas ela tinha um primeiro namorado, de quem ela gostava dele pra caramba. (Tarallo, 1983, p.73, 74, 77, 80, 84)

Em (16a), o resumptivo [dele] está retomando o núcleo nominal [namorado] e está em posição sintática de objeto indireto; em (16b), na posição de oblíquo. Essas foram as posições sintáticas que mais favoreceram o uso do resumptivo nos dados de Tarallo (1983). Em ambas as construções, a gramática normativa exigiria o apagamento do resumptivo e o uso do *pied-piping*, como mostram as sentenças abaixo (de (16a e 16b) respectivamente). Outro fator que favoreceu o uso do resumptivo, segundo a pesquisa feita por Tarallo, foi a extensão ou o peso do núcleo nominal, como em (16c) com o DP [tipo de pessoa]. Além disso, quando há material interveniente entre o pronome relativo e a relativa, como é o caso de (16d), em que [não sei que cargas

⁴ Nos dados de Tarallo (1983), precisamente 98,9% das relativas com pronome resumptivo foram elaboradas com o elemento-wh *que*. Tarallo (1983, p. 88) reporta que os outros 1,1% foram de relativas com *onde* (13 casos/0,7%), *preposição+quem* (5 casos/0,3%) e *preposição+o qual* (1 caso/0,1%).

d'água] está entre o [que] e [ela saiu], há mais probabilidade de uso do resumptivo. Por fim, Tarallo (1983) identificou que as relativas não-restritivas, como (16e) e (16f), favorecem o uso do resumptivo (em oposição às restritivas).

As relativas restritivas e as não-restritivas (apositivas/explicativas e de grau) serão o foco da próxima seção. Essa é uma propriedade semântica e a primeira característica estabelecida por De Vries (2002): tipo de modificação: restritiva/apositiva/de grau (cf. 1a).

1.2 Propriedades semânticas

Semanticamente, as relativas dividem-se em três grupos. Os dois primeiros, mais conhecidos e discutidos na literatura, são as relativas restritivas, como o exemplo destacado em (17), e as apositivas (também chamadas de explicativas), como destacado em (18):

- (17) a. Meu **irmão que é alto** joga basquete.
 b. Jill falou com os **professores que falharam no teste de didática**
 (De Vries, 2001, p. 233, tradução nossa).

- (18) a. Meu irmão, **que é alto**, joga basquete.
 b. Jill falou com os professores, **que falharam no teste de didática**
 (De Vries, 2001, p. 233, tradução nossa).

As relativas restritivas (cf. 17) se conectam ao seu núcleo nominal sem pausa prosódica. Ao contrário, as relativas apositivas (cf. 18) exibem pausa prosódica que é, na escrita, marcada pelo uso da vírgula.

A restritiva, como o nome indica, restringe/modifica/delimita o significado do núcleo nominal. Em (17a), por exemplo, a interpretação deve ser aquela em que o locutor possui mais de 1 irmão e somente aquele que é alto joga basquete. Da mesma forma, em (17b), interpreta-se que Jill falou somente com os que são professores e que

falharam no teste de didática, podendo (ou não) haver outras pessoas que falharam no teste. A intersecção de conjuntos revela-se uma boa estratégia para essa explicação:

Figura 1 - Intersecção de conjuntos



Fonte: Elaborada pelo autor

Naa Figura 1, as relativas de (17a) e (17b) estão representadas, respectivamente, pelos conjuntos da direita e os núcleos nominais pelos conjuntos da esquerda. A intersecção desses conjuntos (marcada pelas flechas) identifica sobre o que/quem a sentença matriz incide. Ou seja, indica quem é que joga basquete (em 17a) e com quem Jill falou (em 17b).

Nas apositivas, a interpretação deve ser aquela em que há somente um irmão, e este irmão é alto (e joga basquete), no caso de (18a); e de que Jill falou com os professores que, coincidentemente, falharam no teste de didática (18b). Em outras palavras, a relativa apositiva modifica o núcleo nominal, fazendo com que haja uma coincidência entre o conjunto da relativa e o conjunto do núcleo nominal:

Figura 2: coincidência entre conjuntos



Fonte: Elaborada pelo autor

As representações de (18a) e (18b) mostram que há coincidência entre o conjunto do núcleo nominal (“meu irmão” e “os professores”) e o conjunto da relativa (“que é alto” e “que falharam no teste de didática”). Ou seja, há uma simetria entre os dois conjuntos (De Vries, 2002).

Há, ainda, um terceiro grupo de sentenças relativas, que é encontrado na literatura como relativas de grau⁵. Para este grupo, destacam-se os trabalhos de Carlson (1977b), Heim (1987) e Grosu e Landman (1998), citados por Santos (2015). As relativas de grau têm “leitura maximalizadora, apresentando uma relação de gradação entre a relativa e o nome relativizado.” (Santos, 2015, p. 90), sendo a única possibilidade de leitura aquela de grau máximo (de todas as gradações possíveis):

(19) Eles levaram consigo as provas que estavam sobre a mesa.

(Santos, 2015, p. 91)

Em (19), a única leitura possível é aquela em que todas as provas foram levadas, “sem que haja a leitura de que, no universo do discurso, havia outras provas em outros

⁵ Encontra-se na literatura, a partir de Carlson (1977b), a nomenclatura *Degree Relatives* ou *Amount Relatives* (Grosu & Landman, 1998).

locais que não foram levadas. Na verdade, percebe-se que, neste caso, importam as provas que havia sobre a mesa e que, segundo o enunciado, foram todas levadas.” (Santos, 2015, p. 91). Ou seja, o constituinte [que estavam sobre a mesa] relaciona-se com o núcleo nominal [as provas] absorvendo a totalidade (todas as provas).

Em resumo, a interpretação de uma relativa restritiva ocorre a partir da intersecção de conjuntos, fazendo com que o significado da sentença que contém uma relativa seja aquela em que surge da combinação do sentido do núcleo nominal e do resto da relativa. Em uma relativa apositiva, o conteúdo do núcleo nominal constrói o sentido da sentença. Por fim, quando o conteúdo da relativa é que define o sentido da sentença, temos uma relativa de grau em que uma operação de maximalização é aplicada, ou seja, há somente a leitura de grau máximo/de maximalidade.

Embora todas as propriedades semânticas das sentenças relativas carreguem equivalente importância, o presente trabalho delimita-se a estudar as orações relativas restritivas e, sempre que necessário, as relativas apositivas e de grau. Na subseção a seguir, encontram-se as propriedades lexicais das sentenças relativas.

1.3 Propriedades Lexicais

No PB, os seguintes pronomes podem introduzir relativas com núcleo:

(20)

- a. Tu te lembras daquela *época* [**quando** nós jogávamos futebol] [...] (SCFLP02MAPRI 512 - *corpus* Varsul)
- b. [...], talvez pelo *modo* [**como** a Adriana morreu]. (SCFLP11FAGIN385 - *corpus* Varsul)
- c. Mas, geralmente, quem pega serviço na própria *capital* [**onde** mora], casa na redondeza, tranquilo. (SCFLP04MAPRI282 - *corpus* Varsul)
- d. Encontrei o *ônibus* [**que** levava a gente no colégio].
- e. Encontrei a *caneta* [com **a qual** eu escrevi a mensagem].
- f. Encontrei a *moça* [**cuja** mãe viajou].

g. Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem...acima quer dizer acima do *peso* [para **o que** ela (a rodovia) foi construída]. (D2 SSA - *corpus* NURC).

h. Encontrei a *moça* [com **quem** você falou na semana passada].

i. Maria descobriu o *valor* [por **quanto** Pedro comprou o livro].

(Valer, 2008, p. 21)

Dos nove pronomes relativos (considerando o [que] nessa lista) elencados anteriormente, [qual], [cujo] e [quanto] apresentam morfologia flexional (de gênero e/ou número): [o(s)/a(s) qual(is)], [cujo(s)/a(s)] e [quanto(s)/a(s)].

Ademais, alguns desses pronomes incorporam traços semânticos específicos e, por isso, só podem ser utilizados com núcleos nominais que tenham esses mesmos traços (Marchesan, 2008, 2012; Mória, 1992):

- | | | | |
|------|-----------|---|------------|
| (21) | a. quem | = | [+humano] |
| | b. o que | = | [-humano] |
| | c. quanto | = | [+quantia] |
| | d. quando | = | [+tempo] |
| | e. onde | = | [+lugar] |
| | f. como | = | [+modo] |

Observe que os pronomes em (21) retomam os núcleos com traço [+humano], como [moça] (20h); [-humano] como em [peso] de (20g); [+quantia] como em [valor] em (20i); [+tempo] como em [época] (20a); [+lugar] como em [capital] de (20c) e o traço de [+modo] como em [modo] de (20b).

Já os pronomes [que], [qual] e [cujo], como em (20d), (20e) e (20f), justamente os mais assíduos na formação de relativas com núcleo (com exceção do *cujo*), são considerados como semanticamente subespecificados já que não incorporam um traço semântico específico. Por isso, esses pronomes conseguem formar relativas cujo núcleo nominal contenha traço [+humano], [-humano, +animado], [-humano, -animado] etc., como mostram, respectivamente, (22a), (22b) e (22c):

- (22) a. Eu encontrei a {atleta/borboleta/bicicleta} [que Maria descreveu].
 b. Eu encontrei a {atleta/borboleta/bicicleta} [da qual Maria gosta].
 c. Eu encontrei a {atleta/borboleta/bicicleta} [cuja beleza agrada Maria].

Os pronomes especificados [quem], [o que] e [quanto], no PB, apresentam duas particularidades, conforme apontado por Valer (2008) e Marchesan (2012). A primeira é que só formam relativas com núcleo quando há uma preposição entre o núcleo nominal e o pronome relativo:

- (23) a. Eu reconheci a [criança com quem meu filho brincou].
 b. Este equipamento não corresponde à [finalidade para o que ele foi criado].
 c. João precisa saber o [valor por quanto seu vizinho comprará o automóvel].
- (24) a. *A professora parabenizou o [aluno quem a Maria entregou suas provas].
 b. *João falsificou os [papéis o que os advogados escreveram].
 c. *José pagou a [quantia quanto achou ser justa].

A adjacência entre os núcleos nominais em (24) e os pronomes relativos [quem], [o que] e [quanto] não são possíveis no PB, ao contrário do que ocorre no inglês, em que essa adjacência é possível, a exemplo de *the man who*.

A segunda particularidade é que esses três pronomes - de natureza nominal (cf. Marchesan, 2012) quando introduzem relativas livres -, por serem preposicionados nas relativas com núcleo, acabam figurando mais naturalmente em posição prototípica de PP⁶, adjunto adverbial (23a, 23b, 23c), podendo ocorrer como objeto indireto em situações específicas (25):

- (25) Eu não conheço o rapaz [de quem Maria gosta].

⁶ A Sigla PP significa *prepositional phrase*.

Ao contrário, as relativas com núcleo formadas pelos pronomes [quando], [onde] e [como] parecem incorporar uma preposição, pois podem estar adjacentes ao núcleo nominal sem preposição explícita entre o núcleo nominal e o pronome relativo:

- (26) a. Ele só podia rir no [momento quando o humorista contasse uma piada].
 b. Equipe de busca encontrou o cachorro no [lugar onde seu antigo dono o deixou].
 c. A garota se apresenta da [mesma forma/maneira como o cantor se apresentou].

Desses três pronomes, parece que o [onde] é o único que consegue formar relativas com núcleo nominal precedido de preposição:

- (27) a. “Voltarei para a [casa de onde saí]” (Mateus, 12:43-45, Bíblia)
 b. “Não importa o [lugar de onde você vem].” (Coco Chanel)

Ademais, o [onde] tem sido objeto de estudo de diferentes vertentes teóricas da linguística por estar sendo utilizado em contextos em que não retoma um núcleo nominal com traço [+lugar]. Veja alguns exemplos:

- (28) a. “Isso de fato aconteceu nesse período, mas se pegarmos os últimos dez jogos, **onde** o Tricolor somou cinco derrotas, três empates e somente duas vitórias, percebe-se que não há muito do que se lamentar” (Pilhal, 2022, grifo nosso)

b. “Em um grupo **onde** todas as seleções estão entre as vinte primeiras colocadas no ranking da Fifa [...]” (Marra, 2022, grifo nosso)

c. “Tem sim um gosto especial, mas principalmente por ser mais um título em um clube **onde** me sinto em casa” (Bertoli, 2023, TNT Sports, grifo nosso).

Em (28a), [onde] retoma [últimos dez jogos], um núcleo nominal que não refere à lugar físico, mas uma ideia temporal. Em (28b) retoma [grupo] e aqui parece que a gramaticalidade da sentença se justifica porque o núcleo nominal aparenta ter traços de [+lugar], porém não físico. E em (28c) retoma [um clube] com sentido de *time*, podendo ser justificado o uso pelo fato da palavra [casa/clube] também poder ter a ideia de lugar físico e pelo fato de [em casa] ter sido usada na sentença, havendo uma relação dessa palavra com o núcleo nominal.

É possível observarmos que em nenhuma das sentenças em (28) o pronome [onde] está sendo usado para retomar um núcleo nominal com traço semântico de [+lugar físico]. Portanto, parece estar havendo uma subespecificação no uso desse pronome que, quiçá, chegue um dia a ser subespecificado, como o [que], [qual] e [cujo]:

- (29) a. Comprei o [livro de que você falou].
 b. Adotei o [cachorro que estava abandonado].
 c. Conheci a [professora que leciona na escola XX].
 d. Senti o [cheiro que lembra a casa da vovó].
- (30) a. Comprei o [livro sobre o qual você falou].
 b. Vi o [cachorro sobre o qual você falou].
 c. “Aquele é o [juiz perante o qual o acusado mentiu]” (Dicio online)
 d. Este é o [cheiro sobre o qual falei ontem].
- (31) a. O [livro cuja capa eu rasguei] foi restaurado.
 b. O [cachorro cujo filhote fugiu] está triste.
 c. O [aluno cujo pai é treinador] faltou aula.
 d. “A [lei Maria da Penha, cuja formulação está ligada a um caso real de violência.] foi considerada um avanço em políticas públicas de direitos de gênero. (Paulo Montoya, 2020)

Os exemplos em (29), (30) e (31) revelam que os pronomes [que], [qual] e [cujo], e suas flexões, podem formar relativas com núcleos nominais diferentes, como os que

estão sublinhados acima que têm os traços: [-humano], como *livro* em (29a), (30a) e (31a); [-humano, +animado], como em (29b), (30b) e (31b); [+humano], como em (29c), (30c) e (31c) e [+abstrato], como em (29d), (30d) e (31d).

Observe que o pronome [cujo] e flexões indica posse (*capa do livro* em 31a, *filhote do cachorro* em 31b, *pai do aluno* em 31c, *formulação da lei* em 31d) e, assim como outros pronomes, ele incorpora a preposição. No entanto, se o núcleo verbal da relativa exigir um complemento preposicionado, como é o caso de (32), a seguir, essa preposição do verbo (e não da relação de posse) aparece:

(32) “A [lei Maria da Penha, de cuja formulação participaram juristas,] foi considerada um avanço...” (Paulo Montoya, 2020)

A preposição, em (32), mantém-se, porque o verbo *participar* é um transitivo indireto: “Juristas **participaram da** formulação da Lei Maria da Penha.”. O pronome [qual] e flexões pode ser preposicionado, como nos exemplos em (33), ou não:

(33) a. Aquela apresentação, a qual foi selecionada como a melhor do evento, foi a mais sucinta de todas.

b. Ela comprou uma casa, a qual custou uma fortuna.

Quando não rege uma preposição, como em (33), a leitura parece ser sempre do tipo apositiva/explicativa. Ao que parece, apenas com o pronome [que] conseguimos a leitura restritiva:

(34) a. Aquela apresentação (,) [que foi selecionada como a melhor do evento] (,) foi a mais sucinta de todas

b. Ela comprou uma casa (,) que custou uma fortuna.

Em resumo, os pronomes [quem], [o que] e [quanto] são especificados e não conseguem formar sentenças relativas com núcleo nominal sem a presença de uma preposição entre o núcleo nominal e a relativa no PB. Já [quando] e [como], também

especificados, podem aparecer introduzindo relativas sem preposição. Isso ocorre pois esses pronomes parecem incorporar esses itens lexicais. O [onde], que parece estar perdendo a sua especificação de [+lugar], pode ou não incorporar a preposição. Por fim, os pronomes [que], [qual] e [cujo] podem introduzir relativas independentemente dos traços do núcleo nominal, por serem semanticamente subespecificados. Um apontamento interessante surge ao analisarmos o pronome [qual], que parece somente permitir introduzir relativas sem a presença de uma preposição caso a leitura seja apositiva/explicativa.

1.4 Classificação das Relativas

As cláusulas relativas do PB dividem-se em diferentes estratégias de estruturação. A separação e investigação dessas estratégias, classificadas por Tarallo (1983), pode trazer proveitos significativos para a compreensão da estruturação do PB, proporcionando uma base sólida para pesquisas futuras nessa área e em outras relacionadas.

Com base em Tarallo (1983) e em Kenedy (2003, 2023), vamos separar as relativas em 2 grandes grupos: relativas padrão (padrão DP, padrão PP/ *pied-piping* e relativa com preposição órfã) e relativas não padrão (relativas resumptivas DP e PP, e relativas cortadoras).

Quando o que é movido de dentro da relativa é um DP, como em (35a), essa relativa é do tipo padrão DP; quando esse núcleo nominal é retomado por um pronome resumptivo DP, também conhecido como pronome lembrete, com em (35b), a relativa é do tipo resumptiva DP. Veja:

- (35) a. O [[[bolo]_i [que t_i]]_k eu fiz [_{DP} t_k]] está arruinado.
 b. O [[[bolo]_i [que t_i]]_k eu fiz [_{DP} ele_k]] está arruinado.

Em (32a), todo o DP move-se para a periferia esquerda da relativa, deixando um vestígio, um *trace*; em (35b) um resumptivo/lembrete DP *ele* com traços do núcleo nominal permanece na posição de complemento do verbo *fazer*.

Se um sintagma preposicional (PP) for movido para a periferia esquerda da relativa, essa relativa será do tipo relativa padrão PP (36a). Agora, se no lugar do vestígio houver um pronome resumptivo precedido de preposição, a encaixada chamar-se-á relativa resumptiva PP (36b):

- (36) a. A [[mulher]_i [PP para quem t_i]_k telefonei [PP t_k] venceu o concurso de literatura.
 b. A [[mulher]_i [DP que t_i]_k eu telefonei [PP para ela_k] ontem venceu o concurso de literatura.

A sentença (36a) contém uma relativa padrão PP em que todo o PP move-se para a periferia esquerda da sentença relativa [PP para quem mulher]. Pelo fato de haver esse movimento de todo o PP para a periferia esquerda da sentença, essa estratégia de relativização também é chamada de relativa *pied-piping*. Em (36b), é possível observar a presença do pronome *ela* que tem os traços de gênero (feminino) e número (singular) do núcleo nominal [mulher]. Esse pronome é preposicionado para atender as exigências da posição em que se encontra, adjunto adverbial: [PP para ela]. Nesse caso, a preposição não se move para a periferia esquerda da sentença, permanecendo como introdutor do adjunto adverbial. Veja mais exemplos:

- (37) a. A moça com quem eu conversei ontem está com covid.
 b. A moça que eu conversei com ela ontem está com covid.

Em (37a), há uma relativa padrão PP e, em (37b), uma resumptiva PP. Novamente, em (37b), observa-se o pronome resumptivo [ela] retomando [a moça]. Note que, para a sentença (37b) ser considerada gramatical, é necessário que a preposição [com] acompanhe o pronome [ela]. A presença de duas preposições, uma na periferia esquerda e outra *in situ* não é possível:

- (38) *A moça [com quem eu conversei com ela ontem] está com covid.

De acordo com Valer (2008, p. 41), as relativas resumptivas (DP e PP), em PB, são sempre encabeçadas pelo constituinte-wh [que], seja ele considerado pronome relativo ou complementizador.

- (39) a. *O brinquedo [o qual Paula brincou com ele ontem] estragou.
 b. *Voltarei para a casa [onde saí de lá].
 c. *Não importa o lugar [onde você vem dele].

Se afirmamos, como feito anteriormente, que os pronomes relativos [qual], [o que], [quem] e [quanto] apenas introduzem relativas restritivas se estiverem separados do núcleo nominal por uma preposição e que os pronomes relativos [quando], [como] e [onde] incorporam uma preposição, fica evidente a não possibilidade de elaborar relativas resumptivas com esses pronomes, já que a presença de um resumptivo implica na permanência e presença da preposição *in situ*.

Além dessas estratégias, outra estratégia que ocorre apenas com o constituinte [que] é aquela em que a preposição é apagada/cortada. São as denominadas relativas cortadoras (40c):

- (40) a. A mulher que eu conversei [eom] ontem está com covid.
 b. O funcionário que eles ofereceram a promoção [para_i] saiu da empresa.
 c. Foi aquela apresentação teatral que o professor lembrou-se [da].

As relativas cortadoras se caracterizam por haver o apagamento da preposição subcategorizada pelo verbo da relativa. Em (40a), a preposição [com], selecionada pelo verbo [conversar], sofre apagamento, assim como as preposições [para] em (40b) e [de] (em contração com o artigo a) em (40c) que não aparecem fonologicamente realizadas na periferia esquerda e nem na posição *in situ*.

Por fim, ainda que esporadicamente, há preposições que podem permanecer na posição *in situ* sem apagamento. Valer (2008, p. 39) elenca as preposições [sobre], [contra] e [sem] como exemplos. À essa estratégia, dá-se o nome de relativa com preposição órfã:

- (41) a. Você deve esquecer o [assunto_k **que** t_k]_i eu te falei **sobre** [ec]_i.
 b. Ele perdeu o [livro_k **que** t_k]_i ele não vive **sem** [ec]_i.
 c. O [casamento_k **que** t_k]_i ele foi **contra** [ec]_i acabou dando certo.

(Valer, 2008, p. 39, adaptado)

A autora considera essas preposições como fonologicamente pesadas e pontua que o apagamento delas não é possível:

- (42) a. ?Você deve esquecer o assunto que eu te falei **sobre**.
 b. *Ele perdeu o livro que ele não vive **sem**.
 c. *O casamento que ele foi **contra** acabou dando certo.

(Valer, 2008, p. 39, adaptado)

Importante destacar que (42a) parece uma boa sentença, porque o verbo [falar] também rege uma preposição fonologicamente leve, *falar de*, que, é facilmente apagável:

- (43) a. Você deveria esquecer o assunto (**de**) que eu te falei.
 b. A moça (**com**) que eu namorava passou no vestibular.
 c. Pedro ainda mora na casa (**em**) que ocorreu o crime.

Nos três exemplos acima, é possível que haja o apagamento das preposições [de] em (43a), [com] em (43b) e [em] em (43c), que foram colocadas entre parênteses. Observe que em todos os casos, o constituinte-wh utilizado é o [que], que estamos considerando como pronome relativo. A opção pelo uso de pronomes relativos prototípicos gera agramaticalidade se houver o apagamento da preposição:

- (44) a. Você deveria esquecer o assunto *(**do**) qual eu te falei.
 b. A moça *(**com**) quem eu namorava passou no vestibular.
 c. Pedro ainda mora na casa *(**n**)a qual ocorreu o crime.

Conforme já mencionado, os pronomes relativos de (44) só ocorrem em relativas com núcleo se estiverem preposicionados. Por isso, o apagamento das preposições não é possível.

Em suma, as estratégias de relativização do PB são seis: relativa padrão DP, relativa *pied-piping* (ou padrão PP), relativa com preposição órfã, relativa resumptiva DP, relativa resumptiva PP e relativa cortadora, sintetizados em (45):

- (45) a. Relativa padrão DP
O uniforme que eu vesti
- b. Relativa padrão PP
A situação em que me encontro
- c. Relativa resumptiva DP
O uniforme que eu vesti ele
- d. Relativa resumptiva PP
A situação que me encontro nela
- e. Relativa cortadora
A situação que me encontro
- f. Relativa com preposição órfã
A injustiça que eu luto contra

1.5 Propriedades Sintáticas

Pela análise do Modelo *Raising*, revisitada por Bianchi (2000), a relativa é complemento de um Determinante e, por razões que estão detalhadas no capítulo

seguinte, o núcleo nominal, ao se mover para a periferia esquerda da relativa, incorpora o caso (função sintática) desse DP externo, ficando o pronome relativo com o caso atribuído dentro da relativa.

Dentro da relativa, o pronome relativo poderá exercer funções sintáticas como a de sujeito, complemento do verbo, complemento da preposição e adjunto do VP (adjunto adverbial). Essas possibilidades estão testadas abaixo por pronome relativo e na estratégia padrão:

Que

(46)

- a. Os livros **que** chegaram ___ hoje são muito interessantes. (wh sujeito)
- b. A cidade **que** ___ sedia as Olimpíadas recebe muitos turistas. (wh sujeito)
- c. Na aula de ontem, lemos o livro **que** você indicou ___. (wh compl. de verbo)
- d. O professor não viu o erro de **que** você falou ___. (wh compl. de prep.)

Qual

(47)

- a. *As encomendas **as quais** ___ estão atrasadas são para meus irmãos. (wh sujeito)
- b. *O novo horário de aula favoreceu os alunos **os quais** vi ___ na saída da escola. (wh compl. de verbo)
- c. O livro **sobre o qual** falamos ___ ontem está esgotado. (wh compl. de prep.)
- d. *A biblioteca **a qual** Pedro encontrou livro ___ foi reformada. (wh adj. do VP)

Cujo

(48)

- a. O atleta **cujo** time ___ era o atual campeão venceu a competição novamente. (wh adj. do NP)
- b. O atleta **cuj**a mãe ___ estava doente venceu a competição novamente. (wh adj. do NP)

c. O atleta **cujos/as** filhos/as ___ estavam doentes venceu a competição novamente.

(wh adj. do NP)

O que

(49)

a. *O computador **o que** está ___ guardado ainda está com defeito. (wh sujeito)

b. *Eu troquei o travesseiro **o que** eu comprei ___ semana passada por uma toalha.

(wh de compl. de verbo)

c. Meus pais gostaram do trabalho com **o que** sonhei muito ___. (wh de compl. de prep.)

d. *O vendedor cumpriu com os compromissos **o que** ele foi contratado ___.

(wh de adj. de VP)

Quem

(50)

a. *Aquele homem **quem** era ___ idoso tinha muito apreço por seus amigos. (wh sujeito)

b. *O mapa auxiliou o rapaz **quem** eu vi ___ a se localizar na floresta.

(wh compl. de verbo)

c. O mapa auxiliou o rapaz de **quem** eu gosto ___ a se localizar na floresta.

(wh compl. de prep.)

d. *Eu conheci o professor quem Pedro estuda sintaxe ___.

(wh adj. de VP.)

Quanto

(51)

a. *O dinheiro **quanto** é ___ importante está faltando. (wh sujeito)

b. *Eu perguntei o valor **quanto** eu não conhecia ___ ao vendedor.

(wh compl. de verbo)

c. Só o gerente do banco sabe o valor de quanto eu preciso ___ pra quitar a dívida.

(wh de compl. de prep.)

d. *Eu imagino o valor **quanto** você vendeu a loja ___.

(wh adj. de VP)

Quando

(52)

a. “Uma das cenas mais esperadas da sequência de ‘Os Incríveis’ era o momento sobre **quando** a família de super-heróis ia descobrir que além dos filhos Violeta Pêra e Flecha, o bebê Zezé também tinha poderes ____.” (IG, 2018) (wh compl. de prep.)

Moradores do RJ registraram o momento **quando** uma explosão aconteceu em subestação da Enel ____ (Jornal da Band - 29/1/2022) (wh adj. de VP)

Onde

(53)

a. *A voz **onde** __ agradou a todos é ótima. (wh sujeito)

b. Os acionistas do governo marcaram a reunião numa sala **onde** os funcionários desconheciam __. (wh compl. de verbo)

c. Conhecemos o lugar **de onde** são proferidos __ os discursos do presidente. (wh de compl. de prep.)

d. Estes equipamentos estão na sala **onde** eu coloquei as mesas novas __. (wh de adj. de VP)

Como

(54) a. *As luzes **como** __ ficaram bem colocadas estão magníficas! (wh sujeito)

b. *João tem talento **como** seu irmão viu __ (wh compl. de verbo)

c. “Tudo na vida depende do modo de **como** você olha __.” (Michele Barros) (wh compl. de prep.)

c. “O ponto determinante na classificação de um ou outro resultado dar-se-á através da forma de **como** o conflito é resolvido __ e como é exercido o poder.” (Qconcursos)

d. As crianças moram em um lugar **como** seus pais moraram __. (wh de adj. de VP)

Podemos sistematizar os dados encontrados acima no quadro 1:

Quadro 1 - Sistematização dos Pronomes Relativos

Função sintática do wh na relativa → Elemento-wh ↓	sujeito	compl. de verbo	compl. de prep.	adj. do VP	adj. do NP
que	Y	Y	Y	*	—
qual	*	*	Y	*	—
cujo	—	—	—	—	Y
o que	*	*	Y	*	—
quem	*	*	Y	*	—
quanto	*	*	Y	*	—
quando	—	—	*	Y	—
onde	*	Y	Y	Y	—
como	*	*	Y	Y	—

Fonte: Elaborado pelo autor

Observando o Quadro 1, lê-se os asteriscos como impossibilidades de funcionamento, e os *checks* como possibilidades; os traços sinalizam não possibilidade de testagem. Assim, podemos identificar que os pronomes [que] e o [onde] são os que conseguem funcionar em mais posições sintáticas. O [que] pode exercer as funções sintáticas de sujeito, complemento do verbo e de preposição. Já o [onde] pode exercer as funções sintáticas de complemento de verbo, complemento de preposição e de adjunto adverbial. [que], sendo um relativo, é subespecificado e, ao que tudo indica, consegue exercer as funções sintáticas prototípicas de um DP. [onde], por estar passando por um processo de ampliação de sua carga semântica, consegue exercer as

funções sintáticas prototípicas de um PP e, por enquanto, de algumas funções sintáticas de DP, ainda não conseguindo funcionar como sujeito.

Os pronomes [qual], [cujo], [o que], [quem] e [quanto] conseguem exercer apenas uma função sintática. [quem], [o que] e [quanto] não funcionarão estando adjacentes ao núcleo nominal, sendo agramaticais para sujeito e complemento do verbo. Esses três pronomes, por somente formarem sentenças relativas com a presença de uma preposição, poderão exercer somente a função de complemento da preposição. Todas as outras possibilidades serão agramaticais. O pronome [qual] também funciona apenas como complemento de preposição, podendo exercer outras funções sintáticas quando tiver leitura explicativa. Por fim, o pronome [cujo] tem valor possessivo, concordando (em gênero e número) com o nome que o precede e, por isso, exerce apenas a função sintática de adjunto adnominal (ou seja, adjunto do NP que o precede). As demais funções sintáticas nem se põem.

Ainda, podemos verificar que os pronomes [quando] e [como], por possuírem traços [+tempo] e [+modo], respectivamente, somente poderão ser gramaticais quando exercerem função sintática de complemento de preposição e de adjunto adverbial. Diferentemente do que acontece com o [onde], que parece estar perdendo seu traço de [+lugar] e passa a ser gramatical quando exerce também a função de complemento de verbo. A função de sujeito, para o [onde], ainda parece agramatical, contudo, futuramente as análises podem ser refeitas procurando encontrar novidades sobre o uso desse pronome.

1.6 Considerações finais do capítulo 1

Neste capítulo, fizemos um percurso sobre as características das relativas com núcleo nominal do PB, tomando como base os estudos de Tarallo (1983), De Vries (2001, 2002), Kenedy (2002, 2014, 2023), Marchesan (2008, 2012) e Valer (2008). Iniciamos apresentando as diferenças paramétricas das formações estruturais possíveis das relativas em diferentes línguas, de (3a) a (3k), (De Vries, 2001, 2002). Fizemos

esse movimento com o intuito de alcançar as características das orações relativas correspondentes ao PB em contraste com outras línguas.

A respeito do *status* hierárquico da relativa, vimos que elas são CP, complemento de um D (determinante) [D CP] quando há a presença de um núcleo nominal, no caso das relativas com núcleo. Assim, distinguimos uma relativa com núcleo nominal de uma relativa livre, e definimos a primeira como foco de nossos estudos.

Na sequência, vimos que a relativa no PB, considerando o Modelo *Raising*, será do tipo núcleo interno e também terá a ordem linear como sendo pós-nominal. Apresentamos essas especificações através de comparações com exemplos de outras línguas que possuem ordem linear e posição do núcleo nominal diferentes. Por meio de exemplos de De Vries (2001), também demonstramos que a posição do determinante no PB é do tipo determinante inicial, por estar adjacente e antes da relativa.

Ainda apresentamos, inicialmente, a questão do [que]. Existe uma discussão entre os estudiosos do tema que gira em torno do [que] ser um pronome relativo (Kato, 1993) ou complementizador (Tarallo, 1983). Na sequência, vimos que o fenômeno do Comp Duplamente preenchido funciona somente para perguntas-wh, e não para as sentenças relativas.

Além disso, analisamos a possibilidade da presença de um pronome resumptivo. Identificamos, através de Tarallo (1983), que esse fenômeno ocorre somente a partir de fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos, e também pela presença do elemento-wh [que]. Com essas pontuações, finalizamos a seção referente às características gerais das relativas com núcleo nominal.

Na seção seguinte, discutimos importantes pontuações acerca das propriedades semânticas das sentenças relativas. Dividindo-se em três tipos, pudemos definir nossa delimitação de estudos a partir desta seção. Assim, as relativas se dividem em restritivas, apositivas/explicativas e de grau.

As restritivas, que são as que decidimos por dar maior enfoque neste trabalho, são aquelas que restringem o significado do núcleo nominal da relativa. Isso foi possível de verificar através da leitura da Figura 1, que contribui para melhor exemplificar a interpretação de uma sentença relativa restritiva. A relativa apositiva é aquela que

modifica o núcleo nominal de maneira a estabelecer uma relação de coincidência entre o conjunto do núcleo nominal e o conjunto da relativa. Apresentamos esse segundo tipo semântico através do exemplo na figura 2. Na sequência, apresentamos um pequeno trecho referente às relativas de grau, com apoio de Santos (2015). Essa relativa é aquela com leitura maximizadora, e tem sido foco de estudos recentes.

A sequência do capítulo foi destinada à apresentação das propriedades lexicais das relativas. Essa seção foi importante para introdução dos pronomes relativos e seus traços semânticos distintos, uma vez que auxiliam na compreensão da seção subsequente. Vimos que os pronomes [que], [qual] e [cujo], que identificamos como sendo subespecificados semanticamente, podem formar relativas com núcleo nominal que tenha qualquer traço semântico. Diferentemente dos pronomes [quem], [o que], [quanto], [quando], [onde] e [como], que deverão retomar núcleos com traços especificados [+pessoa], [+coisa], [+quantia], [+tempo], [+lugar] e [+modo] respectivamente. Vale ressaltar que o [onde] parece estar perdendo seu traço de [+lugar]. Vimos exemplos retirados de *blogs* que comprovam essa colocação.

Vimos, também, que os pronomes [quem], [o que] e [quanto], ao se tratar das relativas com núcleo, só poderão introduzir relativas quando houver a presença de uma preposição; e que os pronomes [qual], [cujo] e [quanto] apresentam variação de flexão de gênero e/ou número.

Com relação à classificação das relativas, trouxemos, na subseção seguinte, os estudos de Tarallo (1983) e de Kenedy (2002; 2023), que contemplam as seguintes estratégias de estruturação: relativa padrão DP, relativa padrão PP, relativa resumptiva DP, relativa resumptiva PP, relativa cortadora e relativa com preposição órfã. Trouxemos também as importantes pontuações de Valer (2008) referentes às relativas com preposição órfã e as únicas preposições que correspondem à sentenças gramaticais no PB com preposição órfã: [sobre], [contra] e [sem].

Na seção 1.5, última desse primeiro capítulo, destinamos a apresentação das propriedades sintáticas das relativas. A partir do Modelo *Raising*, especificamente do texto de Bianchi (2000), afirmamos que o núcleo nominal incorpora os traços sintáticas do DP externo à relativa e o pronome relativo recebe o caso dentro da relativa. Assim, vimos que o pronome relativo pode exercer as funções sintáticas de sujeito,

complemento do verbo, complemento da preposição, adjunto do VP (adjunto adverbial) e adjunto adnominal.

Apresentamos todas as possibilidades de funções (ou não possibilidades, quando foi possível) para cada pronome e, por fim, apresentamos uma tabela informativa em que podemos verificar a sistematização dos dados encontrados nessas testagens dos pronomes.

Capítulo 2: O Modelo de Análise

O capítulo 2 desempenha um papel muito importante para compreendermos a descrição estrutural do fenômeno da relativização já feita no capítulo anterior. Neste capítulo, revisitaremos a literatura que cerca a representação estrutural das sentenças relativas no Modelo *Raising*.

Na introdução desta dissertação, lembramos que há uma oposição entre dois modelos: O Modelo Tradicional/*Standard/Wh-movement*, predominante na literatura e com base teórica abraçada em Chomsky (1977); e o Modelo *Raising*, que ressurgiu a partir de Kayne (1994). Remetemos o leitor ao texto de Chomsky (1977) para uma visão mais detalhada do Modelo Tradicional. Neste capítulo, focaremos no Modelo *Raising*.

2.1 O Modelo *Raising* (Kayne, 1994)

Conforme Kenedy (2002, 2023), o Modelo *Raising* foi proposto na década de 70, através dos trabalhos de Schachter (1973), Vergnaud (1974) e Brame (1976). Nesse modelo, o alvo/pivô/núcleo nominal das relativas era um constituinte interno à relativa, e se movia de sua posição original para a periferia esquerda da relativa.

No entanto, com a consolidação da Hipótese do *wh-movement*, a partir de Chomsky (1977), o Modelo *Raising* perdeu destaque para o que ficou conhecido mais tarde como Modelo Tradicional ou Modelo *Standard* - assim chamado por ter sido a proposta aceita por quase 20 anos já que a mesma proposta (*wh-movement*) conseguia envolver inúmeros fenômenos linguísticos (relativas, clivadas, interrogativas, etc.).

Em 1994, a partir do trabalho de Kayne, os estudos com base no *Raising* foram resgatados e revisitados. Com o Axioma de Correspondência Linear (LCA), Kayne mostra que há uma rigidez em relação à ordem e às relações hierárquicas dos constituintes. Nessa hipótese, todos os complementos seguem o núcleo, ou seja, todas as línguas são naturalmente Núcleo-Complemento (a ordem diferente dessa é sempre fruto de movimento). Além disso, a posição à direita do núcleo é sempre destinada a

complementos e, portanto, não há mais adjunção à direita. Adjuntos são gerados à esquerda.

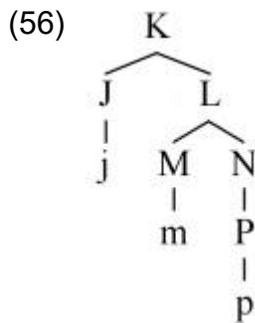
Para propor o LCA, Kayne utiliza o conceito de c-comando assimétrico, dizendo que essa é a regra responsável por mapear as relações hierárquicas entre os constituintes na ordem linear das construções sintáticas:

(55) C-comando assimétrico

X asymmetrically c-commands Y iff X c-commands Y and Y does not c-command X.⁷

(Kayne, 1994, p. 4)

Na prática, o LCA proposto por Kayne funciona assim:



(Kayne, 1994, p. 7)

Nas palavras de Kayne⁸:

“In this phrase marker the pairs that constitute the set A (i.e., the pairs of nonterminal nodes such that the first asymmetrically c-commands the second) are the following: (J, M), (J, N), (J,P), (M, P). Since in this simple case J, M, N and P all dominate just one terminal element, d(A) is easy to exhibit fully: namely, (j, m), (j, p), (m, p).’ These three ordered pairs do constitute a linear ordering of the set (j,m,p), given that (1) transitivity holds, (2) antisymmetry is respected, and (3) the ordering is total, in that for every pair of terminals an ordering is specified. (Kayne, 1994, p. 7)

⁷ ‘X assimetricamente c-comanda Y se e somente se X c-comanda Y e Y não c-comanda X’ (Kayne, 1994, p. 4, tradução nossa)

⁸ Tradução livre: “Neste marcador de frase, os pares que constituem o conjunto A (ou seja, os pares de nós não terminais tais que o primeiro c-comanda assimetricamente o segundo) são os seguintes: (J, M), (J, N), (J, P), (M, P). Como neste caso simples J, M, N e P dominam apenas um elemento terminal, d(A) é fácil de exibir completamente: a saber, (j, m), (j, p), (m, p).’ Esses três pares ordenados constituem uma ordenação linear do conjunto (j,m,p), dado que (1) a transitividade é válida, (2) a antissimetria é respeitada e (3) a ordenação é total, pois para cada par de terminais uma ordem é especificada.”

As principais consequências do LCA são: (i) a não permissão de adjunção à direita, já que a posição à direita é exclusiva a complementos e (ii) o fato de especificadores serem casos de adjunto e de poder haver apenas um adjunto para cada sintagma⁹:

I conclude that the adjunction of more than one nonhead to a given nonhead is impossible. Since in this theory specifiers are a case of adjunction, we derive the fact (stated by X-bar theory) that a given phase can have only one specifier. This limitation on specifiers is not controversial (so that its derivation is clearly desirable), but the more general limitation on adjoined phrases is potentially controversial, since it is usually assumed that more than one phrase can be adjoined to a given projection (nonhead) and also that a phrase can be adjoined to a phrase that already has a specifier. (Kayne, 1994, p. 22)

Em resumo, o LCA estipula que a adjunção à direita não é licenciada pela GU¹⁰. Isso significa que a adição de elementos ou constituintes à direita de um núcleo não é uma operação permitida nas estruturas sintáticas.

A partir do LCA proposto por Kayne (1994), o autor precisa encontrar uma nova derivação sintática para diversas estruturas, como foi o caso das relativas que eram analisadas como adjunto de um NP (Modelo Tradicional de Chomsky, 1977) - conforme árvore em (1a). Nessa empreitada, Kayne resgata o Modelo *Raising*, na versão de Vergnaud (1974).

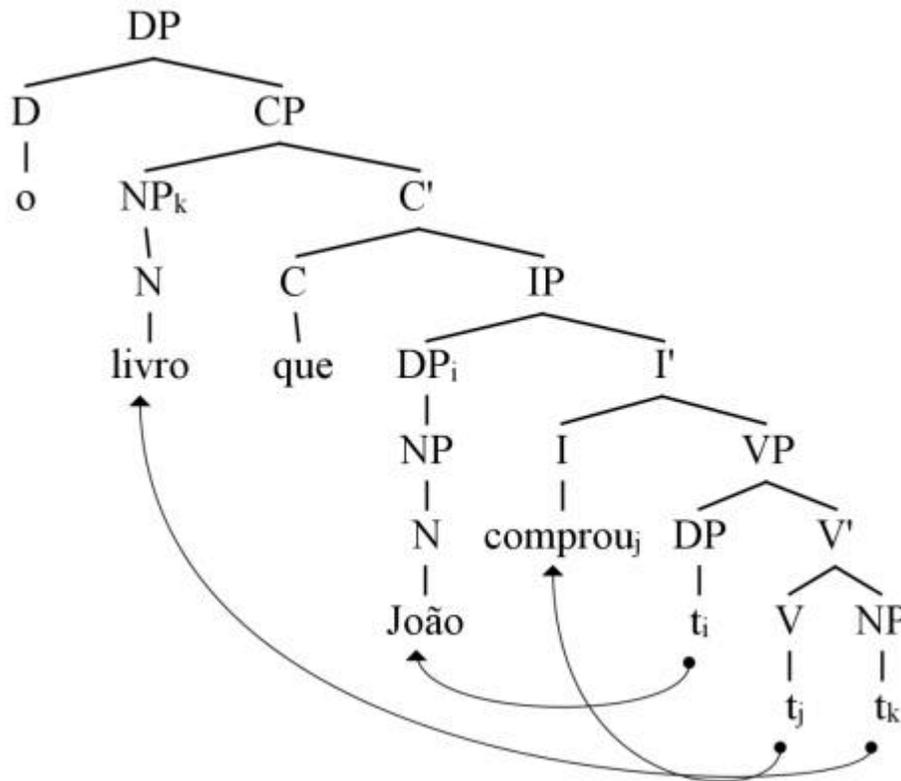
The raising analysis of relatives provides a direct answer to the question of where relative clauses are attached. They are not plausibly complements of N, nor, from my perspective, can they be right-adjoined to N or to any projection of N (or D), for the simple reason that right-adjunction is banned in general. Instead, the raising analysis says that the relative clause [...] is a complement of D (the): '[_{DP} D⁰ CP]'. This structure is in fact the only one of those that have been proposed for relative clauses that is compatible with the present LCA-based theory. (Kayne, 1994, p. 87)

⁹ Kayne (1994) apresenta explicações detalhadas sobre isso, mostrando que mais de um adjunto implicaria em c-comandos assimétricos que permitiriam mais de uma ordem linear (o que deve ser barrado pelo LCA), assim como ocorre com a posição do Especificador que apresentaria c-comando simétrico com outras posições, também barrado pelo LCA. Remetemos o leitor para o texto de Kayne (1994).

¹⁰ Gramática Universal.

Na versão de Kayne (1994) do Modelo *Raising*, a oração relativa é um CP que é argumento de um determinante (D) externo¹¹:

- (56) a. O livro que João comprou é interessante.
 [DP O [CP que João comprou livro]]
 [DP O [CP [NP livro]_i [C que João comprou t_i]]]



A árvore da relativa, considerando o [que] como um complementizador (semelhante ao *that* do inglês), inicia com a estrutura profunda [que João comprou livro], sendo o CP complemento de D e o [NP livro] argumento interno do verbo [comprar]. A ordem *livro que João comprou* surge do movimento do NP *livro* para o Spec do CP.

Agora, se o [que] for considerado um pronome relativo, a derivação é a seguinte:

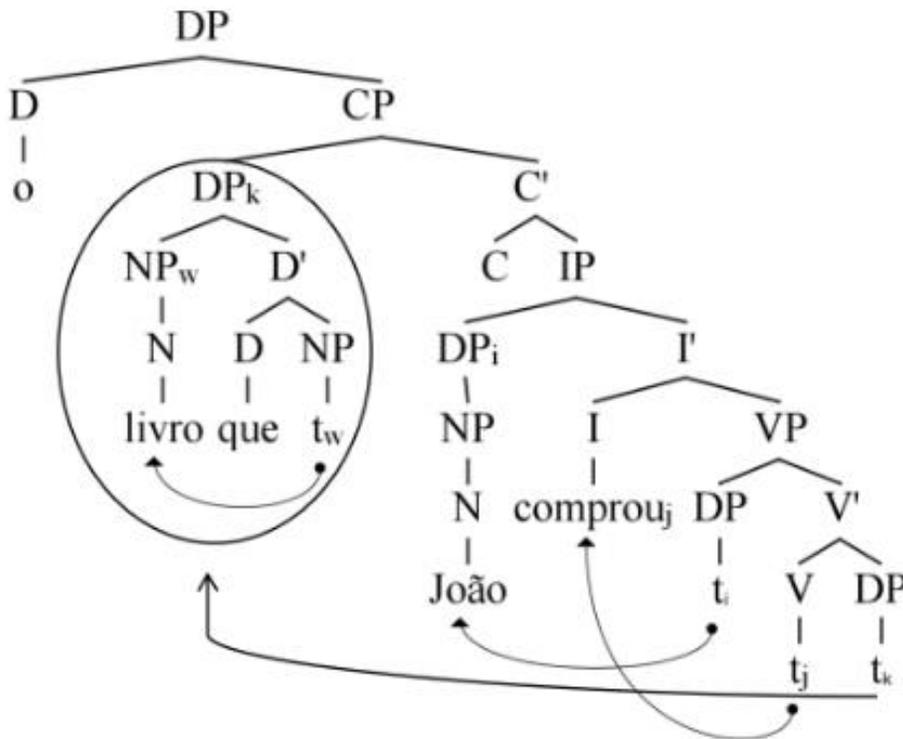
¹¹ Por opção, e seguindo Kenedy (2002/2023), iremos manter o X' nas árvores apesar de termos dito, seguindo o LCA, que os casos de Especificadores são adjuntos. Nas árvores de Kayne, onde temos um X', é colocado um XP para poder acomodar à Teoria do LCA.

(57) a. O livro que/o qual João comprou é interessante.

[DP O [CP João comprou que livro]]

[DP O [CP [DP que livro]_i [C João comprou t_i]]]

[DP O [CP [DP [NP livro]_k [que t_k]]_i [C João comprou t_i]]]



Em (56), todo o DP [que livro] nasce como argumento interno do verbo *comprar* e se move para a periferia esquerda da relativa. Após isso, há um novo movimento do NP *livro* para antes do pronome relativo, conforme árvore em (57) acima.

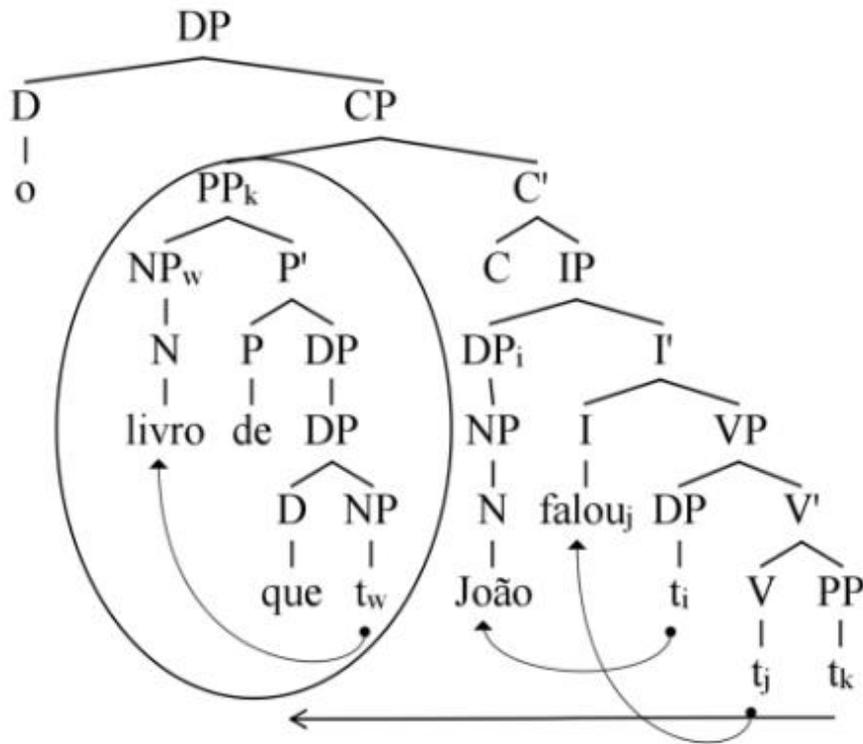
A mesma análise é feita para as relativas *pied-piping*, com a diferença de aqui, nestas, o movimento é de todo o sintagma preposicional:

(58) a. O livro de que João falou é interessante.

[DP O [CP João falou de que livro]]

[DP O [CP [PP de que livro]_i João falou t_i]]

[DP O [CP [PP [NP livro]_k [PP de que t_k]]_i João falou t_i]]



Observe que, nessa análise proposta por Kayne, a relação sintática de relativização é feita entre o vestígio (trace) e o constituinte movido (que contém o núcleo nominal). O [que], como pronome relativo, não possui traços especificadores e portanto é compatível com [livro]. Neste caso, há o alçamento do PP [de que livro] para o spec do CP e, também, seu apagamento na parte mais baixa da representação. Ainda há mais um movimento, o do NP para o spec de PP, e, por fim, seu apagamento da parte mais baixa formada.

Cabe destacar que essa análise das relativas pelo Modelo *Raising*, resgatada por Kayne (1994), não foi utilizada apenas porque era compatível com a Teoria do LCA, proposta pelo próprio autor. No seu texto, Kayne apresenta argumentos robustos, utilizando o inglês como língua principal, que comprovam que a relativa é, de fato, um CP selecionado por um D.

Esses argumentos já foram testados para o PB por Kenedy (2002, 2023) e parecem confirmar que a relativa é complemento de um Determinante: [D CP]. Dentre os argumentos apresentados por Kenedy, destacamos (i) a correlação entre o

determinante e a relativa; (ii) a relativização com uso de expressões idiomáticas, (iii) a relativização com o uso de expressões coordenadas e (iv) o licenciamento dos artigos o/os/a/as em sentenças que contêm relativas.

A correlação entre o determinante e a relativa (D e CP), primeiro argumento apresentado por Kenedy (2023), retirado de Schmitt (2000, p. 311-312), evidencia que, em PB, existem algumas palavras que, ao serem precedidas de um artigo, só se tornam gramaticais com a presença de uma sentença. Essas palavras se enquadram em categorias como expressões de tipo (*type expressions*), expressões de medida (*measure expressions*), resolutivas (*resultives*) e expressões com “com” (*with expressions*). Veja:

(59) *type expressions*

a. [*Eu comprei o tipo de pão]

vs.

b. [Eu comprei o tipo de pão de que você gosta]

measure expressions

a. [*Maria pesa os 45 quilos]

vs.

b. [Maria pesa os 45 quilos que Suzana quer pesar]

resultives

a. [*João pintou a casa com a cor]

vs.

b. [João pintou a casa com a cor que sua namorada sugeriu]

with expressions

a. [*Pedro comprou o carro com o motor]

vs.

b. [Pedro comprou o carro com o motor que ele queria]

(Schmitt, 2000, apud Kenedy 2023, p. 66, tradução nossa)

Nos exemplos acima, em (59a), a agramaticalidade se dá pelo fato de o núcleo do determinante não poder selecionar esses tipos de NP. Isso evidencia que D e NP não podem ser nódulos irmãos e que, na verdade, D seleciona uma sentença, um CP, cujo NP está na periferia esquerda, fruto de movimento para Spec do CP (Kenedy, 2023). “Logo, D e CP é que são nódulos irmãos.” (Kenedy, 2023, p. 67).

(60) Eu comprei [_{DP} o [_{CP} [_{NP} tipo de pão]_i] de que você gosta t_i].

De mesmo modo, para explicar a gramaticalidade das sentenças em (59b), podemos afirmar que D seleciona a cláusula relativa, isto é, um CP, fato que vai ao encontro do que pontua o modelo *raising*:

(61) Eu comprei [D o [_{CP} [_{NP} tipo de pão]_i] de que você gosta t_i]].

(Kenedy, 2023, p. 67)

Se CP é irmão de D, é possível argumentar que uma relação de complementação categorial seja estabelecida entre esses dois elementos. De fato, a complementação [D CP] é a hipótese mais provável tendo em conta o LCA de Kayne (1994), pois, segundo ele, não poderíamos admitir que CP tenha sido adjungido a D ou a uma projeção sua, já que a adjunção à direita é banida pela UG. Tampouco CP poderia ser adjunto do NP *tipo de pão* (como se sustenta no modelo tradicional), já que (i) tal adjunção seria dada, novamente, à direita de um núcleo/sintagma e (ii) o NP ao qual CP supostamente se adjungiria não pode ser selecionado por D [...] (Kenedy, 2002, p. 73)

Em PB, contudo, parece haver uma diferença. Se analisarmos as sentenças em (62a), que são traduções de Kenedy (2023) das sentenças de Schmitt (2000), observamos que os artigos utilizados são os que chamamos de definidos (o, os, a, as). Se efetuarmos a substituição desses artigos por indefinidos (um, uns, uma, umas), parece haver uma melhor aceitação. Observe:

- (62) a. [*Eu comprei o tipo de pão]
b. [Eu comprei um tipo de pão]

- a. [*Maria pesa os 45 quilos]
- b. [Maria pesa uns 45 quilos]

- a. [*João pintou a casa com a cor]
- b. [João pintou a casa com uma cor]

- a. [*Pedro comprou o carro com o motor]
- b. [??Pedro comprou o carro com um motor]

As sentenças em (62b) parecem ser legítimas. Dessa forma, podemos afirmar que a correlação entre o determinante e a relativa somente se refere às sentenças definidas. Essa discussão, ainda, aparecerá mais à frente, quando tratarmos do licenciamento dos artigos definidos.

O segundo argumento trazido por Kenedy (2023), retirado de Schachter (1973) e Williams (1997), é a relativização de expressões idiomáticas formadas por verbo mais objeto. Sendo uma expressão idiomática, verbo + objeto devem ser gerados como um sintagma, em uma relação de irmandade. Quando o objeto é relativizado, temos uma evidência de que esse objeto, o Núcleo Nominal, foi alçado de sua posição junto ao verbo para a periferia esquerda da sentença relativa. Kenedy (2023) pontua dois exemplos que ilustram muito bem esse argumento:

- (63)
- a. o $[_{CP} [_{DP} \text{mico}_i \text{ que } [_{IP} \text{eu paguei } t_i]]]$ me deixou envergonhado
 - b. a $[_{CP} [_{DP} \text{mãozinha}_i \text{ que } [_{IP} \text{ele me deu } t_i]]]$ resolveu o problema
- (Kenedy, 2023, p. 68)

Como podemos analisar, a relativização de um objeto de expressões idiomática (63a-b) evidencia que o Modelo *Raising* é mais adequado que o Modelo Tradicional (Kenedy, 2023), já que *pagar + mico* e *dar + uma mãozinha* devem ser gerados como núcleos irmãos “e como o núcleo (verbal) é indiscutivelmente um constituinte da relativa, seu complemento [objeto] também deve sê-lo.” (Kenedy, 2002, p. 74). Pelo Modelo

(65c) ser considerada gramatical, e corrobora a intenção de afirmar que “a relativa é selecionada como complemento de um núcleo determinante D: [D CP] [...] [, pois] como somente DPs podem ser relativizados, [...] a base sintática da relativização [...] [só pode ser de] seleção categorial de CP por D.” (Kenedy 2023, p. 71).

O quarto argumento refere-se a possibilidade de uso de artigos definidos (o, os, a, as) em contextos em que normalmente não seriam licenciados. Kenedy (2023) destaca, através de trabalhos de Aoun e Li (2001) e Bianchi (1999), que existem contextos em que uma sentença será gramatical somente com a presença de uma sentença relativa. O verbo *haver* existencial é o exemplo destacado por Kenedy. Esse verbo normalmente não permite a ocorrência de um artigo definido como seu complemento (objeto):

- (66) a. [*havia os manifestantes]
b. [havia manifestantes]

No entanto, quando esse objeto (*manifestantes*) é relativizado, a presença do artigo definido é possível. Observe as sentenças:

- (67) a. *[_{VP} havia [_{DP} os [_{NP} manifestantes contrários à reforma]] no centro da cidade].
b. [_{DP} os [_{CP} manifestantes_i que havia t_i no centro da cidade]] eram contrários à reforma.

A gramaticalidade da sentença (67a) explica-se pois o constituinte [manifestantes] não é o complemento do D [os], como o é em (67b), evidenciando que “que a cláusula relativa é o complemento categorial de um núcleo determinante.”(Kenedy, 2023, p. 71).

Ainda, alguns nomes próprios, que por vezes não são precedidos de artigos definidos, passam a requerer a presença dos artigos quando estão envolvidos em estruturas relativas. Mais uma evidência de que D seleciona um CP e não um NP, conforme exemplo de Kenedy (2023):

- (68) a. *[_{DP} a [_{NP} Paris] é bonita]

b. [_{DP} a [_{CP} Paris_i que eu conheço t_i [é bonita]]]

(Kenedy, 2023, p. 72)

No exemplo, destaca-se que há agramaticalidade (68a) somente em construções que envolvem nomes próprios precedidos por artigos definidos em cláusulas relativas, enquanto construções equivalentes sem cláusulas relativas são consideradas agramaticais (68b).

Ainda assim, a análise de Kayne (1994) foi criticada por Borsley (1997). Para o autor, a proposta apresentava algumas inconsistências e problemas teóricos sobre a representação das estruturas das orações relativas.

Uma das críticas apontada por Borsley (1997) é o fato de o sintagma alçado para a periferia esquerda da relativa não poder ser um NP, já que o NP é alçado de uma posição argumental e, para estar em tal posição, precisam ser licenciados por DPs, ainda que nulos.

A outra crítica é em relação à marcação de Caso. Em línguas com caso morfológico, como o polonês, verifica-se que o Caso do Núcleo Nominal é diferente daquele atribuído ao pronome relativo. O Caso do núcleo nominal é igual ao recebido pelo DP externo. Sendo todo o NP alçado da mesma posição, esse fato constitui-se um problema:

(69) Widziałem tego pana, który zbił ci szybę.
 Vi o-ACC homem-ACC que-NOM quebrou seu óculos-ACC
 'Vi o homem que quebrou seu óculos'

(Borsley, 1997, p. 638)

Borsley afirma que pela análise *Raising* deveria haver um choque de Casos, já que o núcleo nominal recebe Caso acusativo do D externo e também poderia receber Caso nominativo do seu vestígio (*trace*). Nas palavras de Borsley, "Kayne suggests that the NP in such an example receives its Case from the higher D. On the face of it,

however, it should also receive Case from its trace, as moved constituents normally do”. (1997, p. 638)¹².

Esses dois problemas, e outros elencados em Borsley (1997), são solucionados três anos mais tarde, em um texto que Bianchi (2000) escreve com o título *A replay to Borsley*. É o que veremos na próxima seção.

2.2 A proposta de Kayne (1994) revisitada por Bianchi (2000) e Kenedy (2002, 2023)

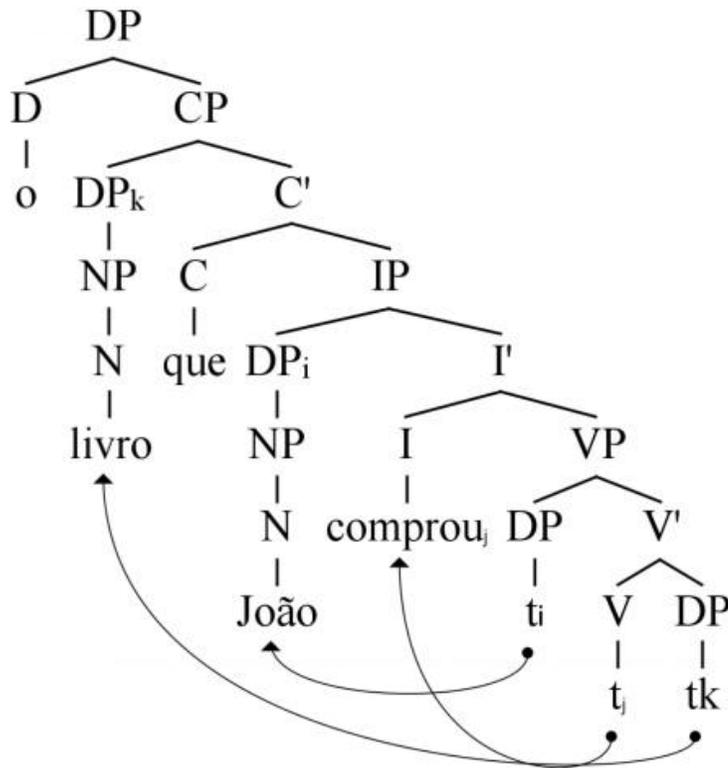
Bianchi (2000) propõe um refinamento à análise de Kayne (1994), buscando solucionar as críticas elencadas em Borsley (1997). Em relação ao primeiro problema, de haver um NP em posição argumental, Bianchi (2000, p. 124) afirma que a crítica é pertinente. Segundo ela, “In fact, the constituent is generated in an argument position, and there is wide consensus that only the DP projection—not NP—can act as an argument (see, e.g., Stowell 1989, Longobardi 1994)¹³.”

Sem alterar o cerne da proposta *Raising*, Bianchi, seguindo Stowell (1989) e Longobardi (1994), afirma que argumentos são sempre introduzidos por DPs e assim também o é nas relativas. No entanto, esse DP não tem matriz fonológica (D_{REL}):

¹² Tradução livre: “Kayne sugere que o NP em tal exemplo recebe seu Caso do D superior. Aparentemente, entretanto, ele também deveria receber Caso de seu traço, como normalmente fazem os constituintes movidos.”

¹³ Tradução livre: “Na verdade, o constituinte é gerado numa posição de argumento, e há amplo consenso de que apenas a projeção DP – e não NP – pode atuar como argumento”

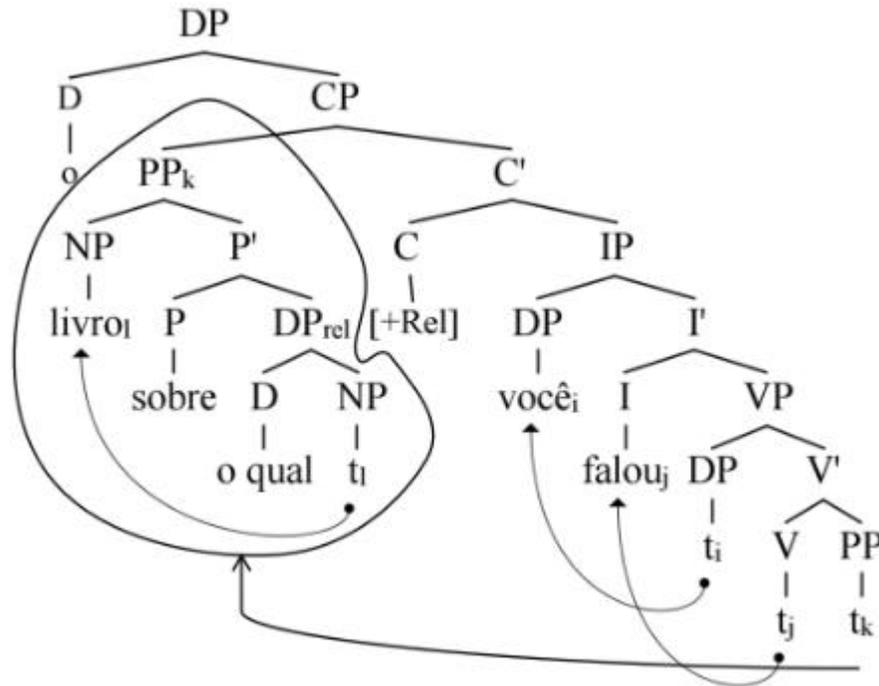
(70)



Bianchi (2000) propõe um apagamento por incorporação, ou seja, quando o D_{REL} sem matriz fonológica checa traços com D externo (D_{EXT}) o D_{REL} é incorporado ao D_{EXT} , resultando na matriz fonológica pronunciada na posição externa da relativa.

Essa incorporação abstrata entre o D_{EXT} e o D_{REL} sem matriz fonológica aplica-se às relativas com ou sem complementizador e com pronome relativo DP. Quando há pronome relativo PP, no caso das relativas *pied-piping*, essa incorporação abstrata não se põe, porque o PP fica entre o D_{EXT} e o D_{REL} bloqueando o fenômeno de incorporação:

(71)



Observe que, para Bianchi (2000), que trabalha com Cartografia Sintática (conforme próxima seção), os movimentos precisam ser motivados: ou para checar algum traço ou para atender a algum Critério. Na árvore (71), todo o Núcleo Nominal junto com o pronome relativo se move para SpecCP com o objetivo de satisfazer o Critério Relativo (do inglês *Relative Criterion*). Nessa proposta, o CP e o núcleo C estão dotados de traço [+Rel] e são esses traços que atraem o DP_{REL} para estar em uma configuração Spec-Head, conforme aponta Rizzi (1990). Após esse primeiro movimento, o núcleo nominal, que está em SpecCP, faz mais um movimento para uma posição mais próxima do DP_{EXT}, porque ele necessita checar os traços de concordância com o DP_{EXT}.

Em relação ao problema da marcação de Caso, conforme explicado no exemplo (69), Bianchi utiliza Giusti (1993) e relembra que a marcação de Caso é uma propriedade dos Determinantes. O N morfologicamente concorda com o D e é regido por esse D. Assim, na sentença (69), repetida abaixo, como (72), o Determinante externo à relativa carrega o Caso Acusativo, recebido do radical do verbo *Widziałem* (ver), e o D relativo (fonologicamente nulo) carrega o Caso Nominativo atribuído pela

flexão do verbo *zbił* (*quebrar*). Como o núcleo nominal, após os movimentos, é regido pelo D externo à relativa, o Caso desse D externo é copiado para o Núcleo Nominal que é pronunciado na forma do acusativo.

the external D° bears the accusative Case assigned to it by the matrix verb, and the relative D° bears the nominative Case assigned to it within the relative clause. As the NP “head” comes to be governed by the external D° , in the morphophonological component the Case feature of this D° is copied into it, and it is spelled out in the accusative form. (Bianchi, 2000, p. 130)¹⁴

- (72) Widziałem tego pana, który zbił ci szybę.
 Vi o-ACC homem-ACC que-NOM quebrou seu óculos-ACC
 ‘Vi o homem que quebrou seu óculos’

(Borsley, 1997, p. 638)

Dessa forma, a estrutura das relativas, com poucas alterações à análise de Kayne (1994) é mantida. Na próxima seção, veremos como a proposta do Modelo *Raising* pode ser analisada dentro da perspectiva cartográfica.

2.3 Considerações finais do capítulo 2

Neste segundo capítulo, revisitamos a literatura acerca da representação estrutural das sentenças relativas no Modelo *Raising*. Com base, principalmente, em Kenedy (2002, 2023), vimos que esse modelo de descrição das relativas surgiu na década de 1970, e incorpora trabalhos de Schachter (1973), Vergnaud (1974) e Brame (1976).

Vimos que, devido ao trabalho de Kayne, em 1994, em que é proposto o LCA, os estudos embasados no *raising* são retomados. O LCA de Kayne (1994) tem como

¹⁴ Tradução livre: “o D° externo carrega o Caso acusativo que lhe é atribuído pelo verbo matriz, e o D° relativo carrega o Caso nominativo que lhe é atribuído dentro da oração relativa. À medida que o SN “pivô” passa a ser regido pelo D° externo, no componente morfofonológico o traço de Caso deste D° é copiado para dentro dele, e ele é enunciado na forma acusativa”

principais proposições a não adjunção à direita e a ideia de que especificadores sejam casos de adjunto, podendo haver apenas um para cada sintagma.

Vimos também que, no modelo de Kayne (1994), a relativa é um CP que é argumento de um determinante externo, como visto em (73):

- (73) a. [DP O [CP [NP amigo]_i [C que eu fiz na escola t_i]]]
 b. [DP O [CP [DP [NP amigo]_k [que t_k]]_i [C eu fiz na escola t_i]]]
 c. [DP O [CP [PP [NP amigo]_k [PP de que t_k]]_i eu falei t_i]]]

Além do LCA, Kayne (1994) destaca pontos importantes que corroboram a proposição de que as relativas são um CP selecionado por um determinante. Dentre esses argumentos, pontuamos a correlação entre o determinante e a relativa com dados a partir do inglês e do PB; a existência de expressões idiomáticas que evidenciam que a relação entre os verbos e seus complementos somente podem se alinhar com o Modelo *Raising*, pois uma leitura no modelo tradicional não seria pertinente.

Ademais, Kayne (1994) destaca outros dois pontos importantes na intenção de comprovar que o modelo *raising* é o modelo mais adequado de descrição para as relativas. São os casos de relativização com expressões coordenadas, em que somente há gramaticalidade em sentenças em que o DP é relativizado, isto é, em sentenças coordenadas relativizadas, somente será gramatical aquela em que o alvo seja um DP.

Finalmente, um quarto argumento por Kayne (1994) trata-se do licenciamento dos artigos definidos, em que, em contextos específicos, uma sentença torna-se gramatical quando houver a presença de um determinante. No exemplo do autor, o verbo haver é uma ótima ilustração para esse caso, além de nomes próprios:

- (74) a. [DP os [CP pães_i que havia t_i na vitrine]] foram vendidos.
 b. [DP a [CP São Paulo_i que eu visitei t_i [é enorme]]]

c. *[_{VP} havia [_{DP} os [_{NP} pães]] na vitrine].

d. *[_{DP} a [_{NP} São Paulo] é enorme]

Ambos os pares de exemplos em (74), quando com a presença de artigos definidos (a-b) funcionam somente quando forem sentenças relativas, caso contrário, como em (c-d), seriam considerados agramaticais.

Mais adiante, discutimos acerca das implicações de Borsley (1997) e seu trabalho. Esse estudo apresentou algumas críticas e problemas referente à análise *raising*. Borsley (1997) pontua que o sintagma alçado à periferia esquerda da relativa não poderia ser um NP, pois deveriam ser licenciados por DPs. A segunda crítica diz respeito ao problema do choque de Casos, pois, segundo Borsley (1997), o núcleo nominal pode receber ACC do determinante e externo e também NOM de seu vestígio.

Bianchi publica em 2000 uma proposta de refinamento ao trabalho de Kayne (1994), a fim de solucionar os problemas apontados anteriormente. A autora pontua que os argumentos sempre são introduzidos por DPs e isso é igual para as relativas. Dessa forma, existe um apagamento por incorporação, isso seria um D sem matriz fonológica que checa traços com o determinante externo para, assim, ser pronunciado.

Sobre a inconsistência na marcação de Caso, Bianchi (2000) pontua que o determinante externo carrega o ACC, enquanto o determinante relativo, não pronunciado, carrega o NOM. Após os movimentos, o núcleo nominal, que é regido pelo D externo, recebe a cópia do desse D externo que passa a ser pronunciado em forma de acusativo. Resumidamente, Bianchi (2000) consegue manter a proposta do Kayne (1994) válida.

Capítulo 3: A Abordagem Cartográfica e as relativas restritivas

Neste capítulo, após revisitarmos a teoria acerca dos modelos de representação estrutural e, na esteira de Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2000) principalmente, definirmos o *Raising* como o modelo mais adequado às sentenças relativas, partimos à abordagem cartográfica.

Ao final do histórico pertinente à cartografia sintática, propusemos uma representação das relativas restritivas nessa abordagem.

3.1 Breve histórico

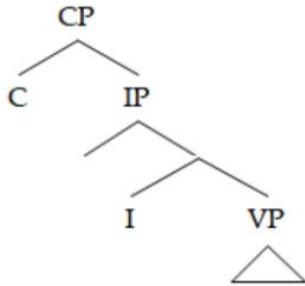
Os estudos acerca da cartografia sintática, observando em especial as diversas camadas do sistema complementizador, vêm atraindo o interesse de pesquisadores brasileiros, como Tescari Neto (2020, 2021) e Guessier (2020), cujos estudos focalizam, respectivamente, a posição dos advérbios e dos operadores *wh* interrogativos.

O programa cartográfico em sintaxe é uma abordagem teórica que busca, como o nome sugere, mapear a ordem e a distribuição dos constituintes sintáticos em uma sentença e identificar as relações hierárquicas entre eles da maneira mais precisa e detalhada possível (Tescari Neto, 2020), buscando responder a pergunta: “what are the right structural maps for natural language syntax?” (Rizzi; Cinque, 2008, p. 42)¹⁵.

A abordagem cartográfica parte da premissa de que a estrutura sintática pode ser representada por três camadas ou projeções, cada uma com sua função específica na estrutura da sentença (conforme Teoria X-Barra de Chomsky 1986 - Teoria dos Princípios e Parâmetros): a camada do complementizador (CP), que aloja os operadores interrogativos e relativos, tópico, foco etc.; a camada flexional (IP), na qual estão as especificações da flexão do verbo e as marcações de caso e a concordância; e a camada lexical (VP), em que ocorre a atribuição de papel temático:

¹⁵ Tradução nossa: “quais são os mapas estruturais corretos para a sintaxe da linguagem natural?”

(75)



Fonte: Chomsky (1986 apud Tescari Neto, 2021, p.24)

Cada uma dessas camadas, hoje, desdobra-se em várias outras, como é o caso do VP que apresenta projeções específicas para dar conta dos argumentos do verbo (posições temáticas). De forma semelhante, o IP e o CP, considerados a periferia esquerda da sentença, têm uma estrutura complexa. Belletti (1990) divide o IP em um conjunto de projeções funcionais, como concordância/AgrP, tempo/TP, modo/ModP e aspecto/AspP. Rizzi (1997) mostra que a área do CP também é dividida em diversas projeções funcionais, como tópico/TopP, foco/FocP etc. para acomodar constituintes topicalizados e focalizados: pronome relativo, pronome interrogativo etc.

Rizzi (1997) é que concebe o mapa cartográfico do CP, pontuando que essa camada é responsável pela interface entre a sentença imediatamente acima (no caso de um CP encaixado) ou o discurso (no caso de um CP matriz) e o conteúdo proposicional do IP abaixo. Dessa forma, o CP apresenta duas informações básicas. Uma voltada para fora da sentença (ou seja, que faz a interface/articulação entre a sentença/IP e o discurso ou a sentença matriz), que contém informações sobre o tipo sentencial - declarativa, interrogativa, relativa, exclamativa etc. - denominada de Força Especificacional (Force) - do inglês *Specification of Force*; e outra com informações voltadas para dentro da sentença, que contém informações sobre a finitude da sentença (finita ou infinitiva), denominada de Finitude (Fin), do inglês *Finiteness Force*:

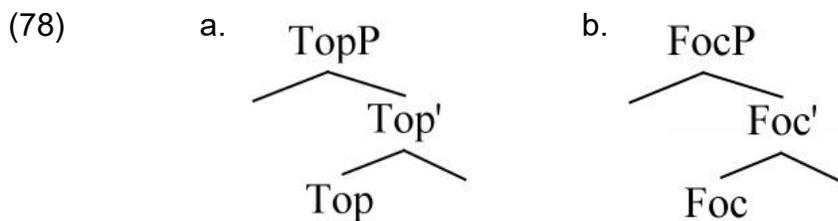
(76)



Nesse cenário, o sistema do Complementizador (CP) passa a ter as projeções de Força (Force) e de Finitude (Fin) “concebidas como informações primárias universalmente expressas pelo sintagma complementizador” (Guesser, 2020, p. 121). Ensanduichado entre essas projeções, podem estar as projeções de Tópico (3a) e de Foco (3b)¹⁶, como no exemplo abaixo de Rizzi (1997, p. 289):

- (77) a. Il tuo libro, lo ho comprato
 ‘O seu livro, eu o comprei’
 (Rizzi, 1997, p. 289, tradução nossa)
- b. IL TUO LIBRO ho letto (non il suo)
 ‘O SEU LIVRO eu li (não o dele)’
 (Rizzi, 1997, p. 289, tradução nossa)

O sistema Tópico-Foco possui sua própria projeção X-barra, que é representada como em (78):



¹⁶ Há outras projeções, como IntP que acomoda o “se” interrogativo (complementizador), que, por não fazerem parte do escopo deste trabalho, que se dedica às relativas, não será aqui explorado.

A articulação do tópico estará sempre vinculada a um comentário, formando a estrutura tópico-comentário (Rizzi, 1997). Nessa construção, um constituinte topicalizado expressa uma informação já conhecida ou dada, enquanto o restante da sentença, denominado comentário, age como um predicado que se aplica a esse tópico. Essa estrutura é bastante evidente em línguas românicas que fazem uso de construções conhecidas como *Clitic Left Dislocation* (CLLD), envolvendo clíticos resumptivos correferenciais ao tópico (Guesser, 2020), como em (77a).

Em (77a), traduzido do italiano para o PB, tem-se um exemplo de tópico-comentário em que [o seu livro] desempenha o papel de tópico, representando a informação previamente conhecida ou mencionada, enquanto [eu o li] constitui o comentário, acrescentando uma informação nova. O pronome clítico [o] refere-se ao livro.

A estrutura contará com o tópico, nesse caso [o seu livro], sendo sempre alojado no spec-TopP. Já seu comentário, [eu o comprei], deverá ser alojado na posição de complemento.

Embora estruturalmente similar ao tópico-comentário, a articulação do tipo foco-pressuposição possui interpretação distinta. Observando (77b), tem-se um exemplo de foco-pressuposição, que envolve um constituinte com acento entonacional mais destacado, que transmite uma informação não pressuposta, enquanto o restante da sentença expressa informações pressupostas, assumidas como compartilhadas entre os interlocutores (Guesser, 2020). O exemplo [O SEU LIVRO] (redigido em caixa alta) expressa a informação focalizada, não pressuposta; [eu li] indica a informação pressuposta. A leitura interpretativa para a sentença seria a de que há outro livro, mas não é o que foi lido.

Rizzi (1997, p. 287) propõe que a articulação tópico-comentário se localiza na projeção funcional TopP, sendo o tópico alojado no especificador e o comentário no complemento de TopP, conforme representado em (79). De forma semelhante, a articulação foco-pressuposição é projetada no núcleo funcional FocP, sendo o foco alojado no especificador e a pressuposição no complemento de FocP.

Além dessas diferenças de informações discursivas, uma mesma sentença pode alojar mais de um tópico, enquanto focalizar mais de um constituinte é impossível: “A clause can contain as many topics as are consistent with its (topicalizable) arguments and adjuncts; on the other hand, there is a unique structural focus position, focalization of two elements [...] is excluded” (Rizzi, 1997, p. 290)¹⁷. Observe:

- (79) a. Il libro, a Gianni, domani, glielo daró senz'altro.
 ‘O livro, a Gianni, amanhã, com certeza o darei’
 (Rizzi, 1997, p.290, tradução nossa)
- b. *A GIANNI IL LIBRO daró (non a Piero, l'articolo)
 ‘Para Gianni, o livro eu darei (não à Piero, o artigo)’
 (Rizzi, 1997, p. 290, tradução nossa)

Com os exemplos em (79), Rizzi (1997) comprova, empiricamente, que é possível haver mais de um elemento topicalizado (5a), mas não mais de um elemento focalizado (79b), ou seja, o Foco não pode ser recursivo. O núcleo pode comportar apenas uma informação pressuposta (Guessser, 2020).

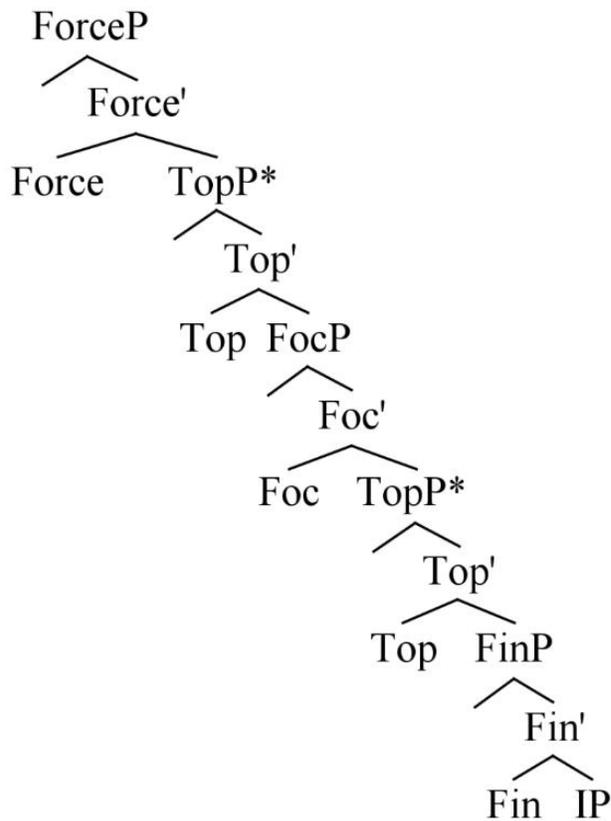
Além disso, Rizzi (1997, p. 291) afirma que um elemento topicalizado pode preceder e/ou suceder um foco, mostrando que TopP pode ser projetado antes ou após FocP:

- (80) A Gianni, QUESTO, domani, gli dovrete dire.
 ‘Para Giani, isso, amanhã, você deverá dizer’.

A área do CP, portanto, ficará projetada da seguinte forma, sendo o asterisco em TopP um indicador de que ele pode repetir-se, ou seja, ser recursivo:

- (81) [ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP [IP ...]]]]]].

¹⁷ Tradução livre: “Uma cláusula pode conter tantos tópicos quantos forem consistentes com seus argumentos e adjuntos (topicalizáveis); por outro lado, há uma posição de foco estrutural única, a focalização de dois elementos [...] é excluída”



É dentro dessa estrutura do domínio do CP que iremos observar o comportamento das relativas restritivas do PB, procurando elencar mais evidências para a análise das relativas proposta por Rizzi (1997), que afirma que os pronomes relativos ocupam a posição de Spec de Force, ou seja, uma posição mais alta do que os pronomes interrogativos.

3.2 As relativas com núcleo em abordagem cartográfica

Seguindo a proposta de Rizzi (1997) de CP projetado em diversas camadas, e as análises de De Vries (2002) e de Bianchi (1999) para as relativas restritivas com núcleo, verificaremos como as relativas restritivas do PB se comportam, buscando trazer mais evidências para as propostas desses autores.

No capítulo um, vimos que, no PB, não há relativas sem pronome relativo ou sem complementizador (denominadas na literatura de *zero relatives*), não há relativas com Comp duplamente preenchido e não há consenso sobre o estatuto do *que* (se é complementizador ou pronome relativo). Sobre essa última característica, adotaremos, por comodidade, a proposta de Kato (1993), Kato e Nunes (2009) e os argumentos e autores citados por Rejane Nickel (2017), de que o *que*, em PB, é um pronome relativo. São quatro os argumentos apresentados por Nickel (2017):

(82)

- 1º) impossibilidade de a preposição preceder um complementizador (apud Brito, 1988, Kayne, 1976; Cinque, 1978);
- 2º) possibilidade de o complementizador ser omitido (apud Kenedy, 2014);
- 3º) impossibilidade de o complementizador exercer função sintática (e papel temático) (Nickel, 2017);
- 4º) possibilidade de o *que* estar em distribuição complementar com outros relativos, ao contrário do que ocorre com complementizadores prototípicos (Nickel, 20217);
- 5º) impossibilidade de o complementizador introduzir interrogativas (apud Kato; Nunes, 2009)

Em relação à primeira propriedade, Nickel (2017), seguindo os estudos de Brito (1988) e os citados por Brito (Kayne, 1976 e Cinque, 1978), afirma que no PB, assim como no francês, no italiano, nas línguas escandinavas, no português europeu e no castelhano, um pronome relativo pode ser precedido por uma preposição, ao contrário do complementizador:

(83) a. L'home [*de que / de qui / duquel] tu parles est lá. (francês)

'O homem de que / de quem / de quem tu falas está lá'.

(Brito, 1988, p.273 apud Nickel, 2017, p. 66-67)

b. ?O carro de que João falou foi roubado. (PB)

c. "A mulher com que todos os homens sonham existe." (Jornal R7) (PB)

(Nickel, 2017, p. 67)

O fato de o *que*, do PB, poder ser precedido pelas preposições *de* e *com* é um indício de que estamos frente a um pronome relativo. Cabe destacar que Kenedy (2002, p. 125 apud Nickel, 2017) lembra que preposições com mais carga lexical, como *sobre* e *contra* não conseguem preceder o *que*, mas podem preceder um pronome relativo típico:

- (84) a. João assistiu a notícia sobre *que / a qual lhe falei.
 b. João participou da guerra contra *que / a qual Pedro lutou.
 c. Esse é o remédio sem *que / o qual João não vive.

(Nickel, 2017, p. 67)

Para Nickel, esse fato não deve pesar contra o estatuto do *que* como relativo ao introduzir relativas, pois “Talvez, o fato de essas preposições terem mais carga lexical, exige que o pronome relativo tenha traços de concordância com o NN [Núcleo Nominal].” (p. 68).

A segunda propriedade apresentada por Nickel (2017), retirada de Kenedy (2014), é o fato de o complementizador das relativas ser, ao menos no inglês, facilmente omitido, o que é impossível no PB:

- (85) a. The book I read last week. (Kenedy, 2014, p. 18 apud Nickel, 2017, p. 72)
 b. Eu li o texto *(que) a professora escreveu. (Nickel, 2017, p. 72)

A terceira propriedade apresentada por Nickel (2017) é função sintática. Os complementizadores típicos, como os que introduzem sentença completivas (86a) e interrogativas indiretas (86b), apesar de imprescindíveis, não tem função sintática, exercem apenas o papel de encaixar um sentença em outra. Nas relativas, o *que* sempre exerce uma função sintática (86c):

- (86) a. Pedro acha **que** Maria namora com João.

- b. Com quem (**que**) Pedro acha **que** Maria namora?
 c. Pedro conhece o rapaz com quem / **que** Maria namora.

(Nickel, 2017, p. 74)

Em (86), que contém uma relativa, o *quem* ou o *que* exerce a função sintática de complemento da preposição, recebendo papel temático dessa preposição *com*. “Não considerar o [que] como pronome relativo, em casos como [...] [86c], implica em ter que explicar o fato de a grade argumental [...] [do predicado *namorar*] estar incompleta, o que seria um problema para o Critério Temático, que é um princípio da língua.”¹⁸ Em (86a) e (86b), o complementizador *que* não exerce nenhuma função sintática, sendo considerado uma conjunção integrante pela Gramática Tradicional (ou seja, um item que introduz uma sentença encaixada).

A relativa de (86c), em que o *quem* e o *que* estão em distribuição complementar é a quarta propriedade elencada no trabalho de Nickel (2017). Segundo ela, enquanto o *que* das relativas pode ser facilmente substituído por outro pronome relativo (cf. 84a), em sentenças complexas declarativas, por exemplo, que contêm complementizador prototípico, como em (84b), isso não é possível:

- (87) a. Pedro comprou o livro de que / (d)o qual você falou.
 b. Pedro acha que / *(o) qual você comprou o livro.

(Nickel, 2017, p. 76)

Por fim, a quinta propriedade é a impossibilidade de um complementizador introduzir uma sentença interrogativa:

- (88) a. Ele disse que ela saiu.
 ‘He said that she left.’

¹⁸ Nickel (2017, p. 75) lembra que as relativas resumptivas introduzidas pelo *que*, como visto no capítulo 1 desta dissertação, podem ser um contraexemplo já que o pronome resumptivo exerce a função sintática do núcleo da relativa e o *que* ficaria sem função sintática e papel temático - ferindo o Critério Temático. Para resolver essa situação, Nickel utiliza Kato (1993) e Kato e Nunes (2009) que estipulam que nas relativas não padrão, o pronome relativo *que* está em uma posição de Deslocamento à esquerda (do inglês *Left Dislocation*) que é correferente ao pronome relativo ou ao *pro* (categoria vazia) da relativa.

- b. Que quadro ele viu?
 Which picture he saw
 'Which picture did he see?'

(Kato; Nunes, 2009, p. 79 apud Nickel, 2017, p. 77)

As traduções para o inglês confirmam que o *que*, em (88a), introdutor de um sentença completiva, é um complementizador prototípico e que o *que* de (88b) é um pronome (interrogativo), já que não é possível o *that*, do inglês (complementizador prototípico), introduzir perguntas (cf. Kato; Nunes, 2009 apud Nickel, 2017).

A partir desses argumentos, consideraremos que no PB não há *that-relatives* - todas as relativas restritivas conterão um pronome relativo.

Diante disso, e considerando, conforme argumentos apresentados no capítulo anterior, sintaticamente, a relativa como um CP, complemento de um determinante externo, em que o Núcleo Nominal nasce dentro do CP relativo, conforme árvore abaixo:



Vamos considerar as sentenças em (15) abaixo:

- (89) a. A cidade [**que** __ sedia as Olimpíadas] recebe muitos turistas.
 b. Lemos o livro [**que** você indicou __].
 c. O professor não viu o erro [de **que/do qual** você falou __].

Em todos os casos de (89), o Núcleo Nominal (*cidade*, *livro*, *erro*) é gerado como irmão do Determinante relativo, dentro da relativa, na ordem: [DP_{REL} que cidade], [DP_{REL} que livro] e [PP_{REL} de [DP_{REL} que/o qual erro]]. Esses DP_{REL} funcionam, respectivamente,

como sujeito do núcleo lexical *sediar* (89a), complemento de *indicar* (89b) e complemento da preposição *de* (15c). Ou seja, o DP_{REL} exercendo uma função lexical dentro da relativa (atendendo as exigências de c-seleção e de s-seleção dos núcleos *sediar*, *indicar* e *falar* respectivamente em 89a, 89b e 89c). Na sequência, o núcleo C, dotado de traços [+Rel, +wh], atrai o DP_{REL}, que tem os mesmos traços, para o seu especificador (Spec de CP), formando uma cadeia A-barrá (para atender a um critério). Esse movimento é denominado por Bentea (2010) como Critério Relativo (*Relative Criterion*), que ela retira de Rizzi (2004, p. 4):

(90) Critério Relativo:

XP_F and X_F must be in a Spec-head configuration, for F = Q, Top, Foc, R, ...¹⁹

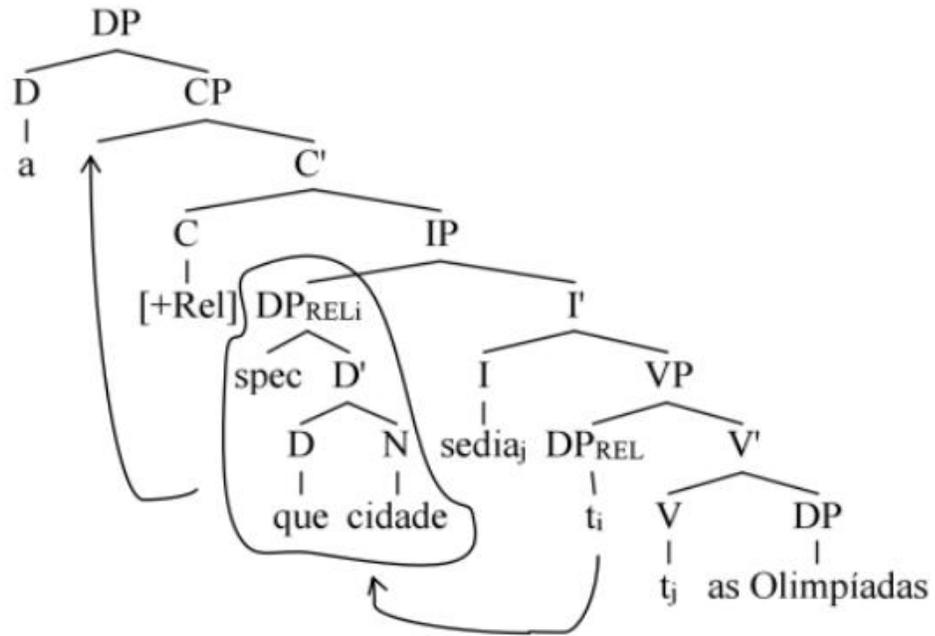
(Rizzi, 2004, p. 4)

Assim, no caso das relativas, o núcleo C está dotado de traços [+Rel] e atrai o DP_{REL}, que tem o mesmo traço, para a posição do Spec para assim, atender ao Critério Relativo na configuração Spec-Núcleo. A estrutura das relativa de (89) fica representada como em (91), abaixo:

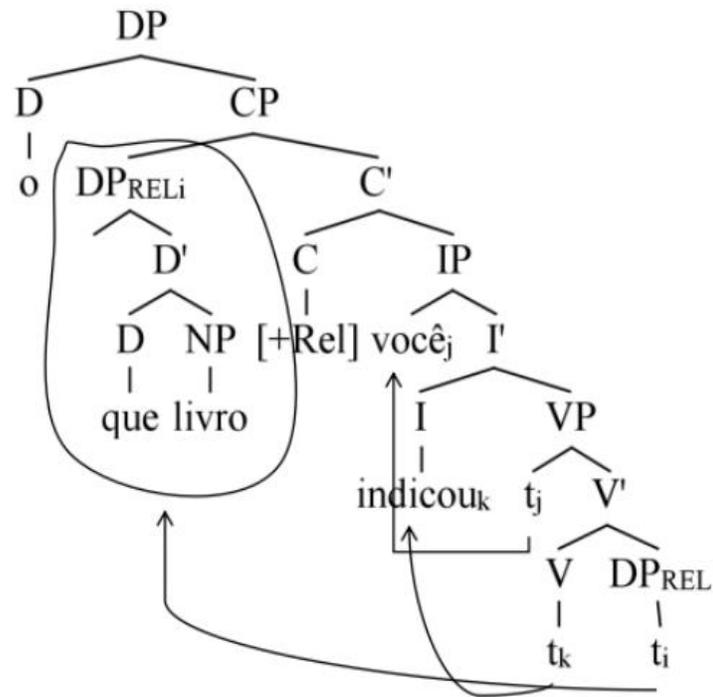
¹⁹ Tradução livre: “XP_F e X_F devem estar em um configuração Especificador-Núcleo, em que F = Q (interrogativa), Top (Tópico), Foc (Foco), R (Relativa), ...”

(91)

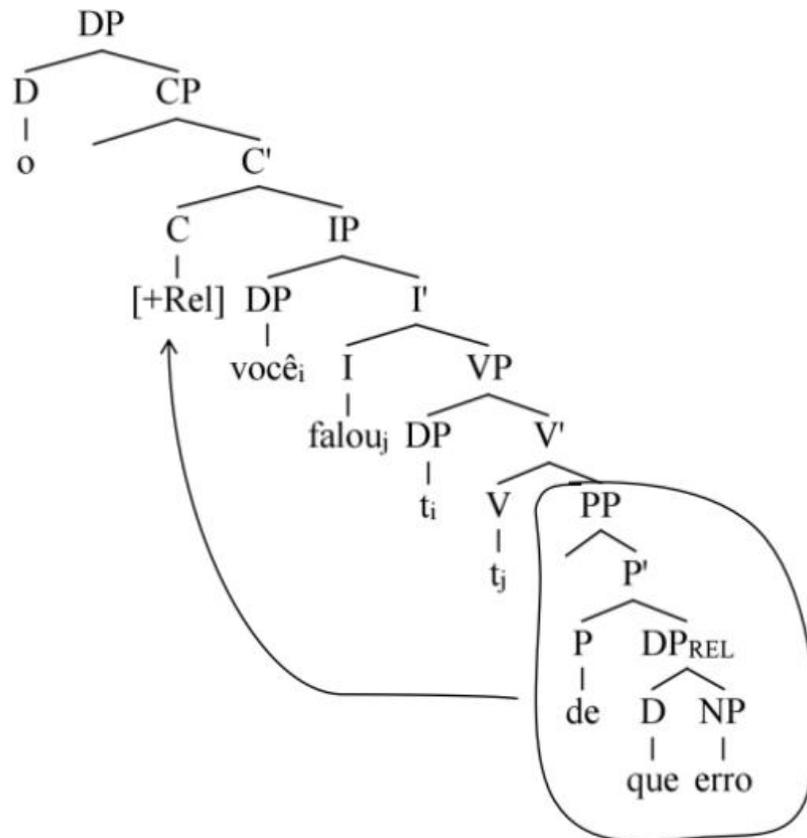
a.



b.



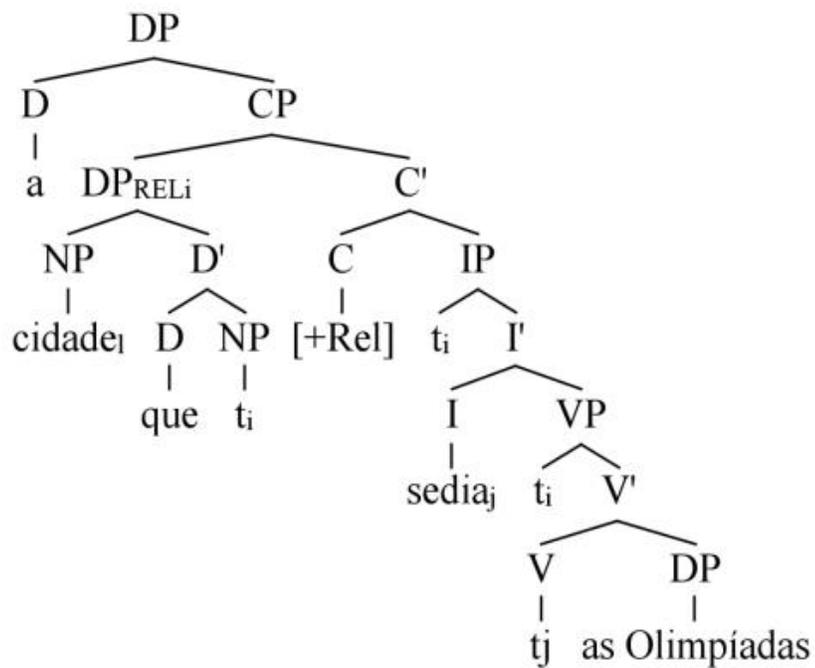
c.



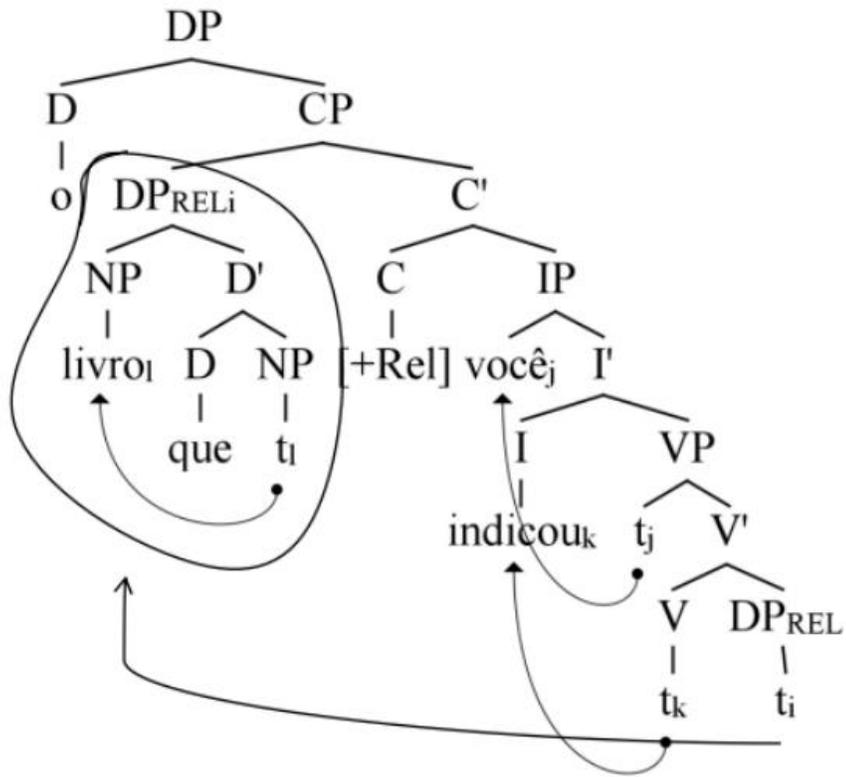
A ordem das relativas, apresentadas em (89a), (89b) e (89c) é obtida após o movimento do núcleo nominal para o especificador do DP_{REL}, como nas árvores abaixo:

(92)

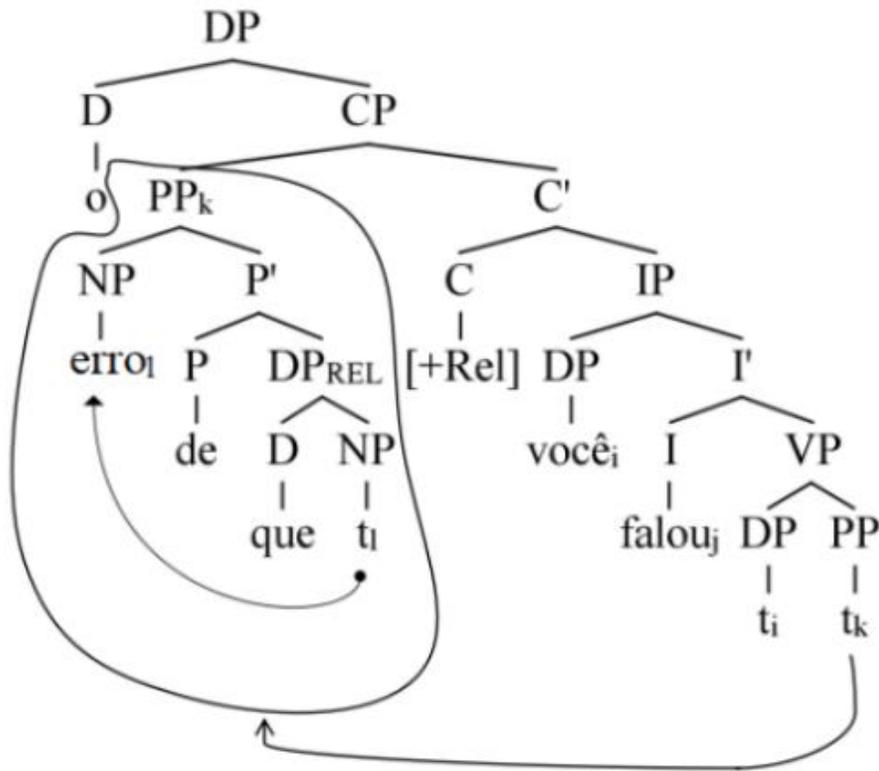
a.



b.



. c.)

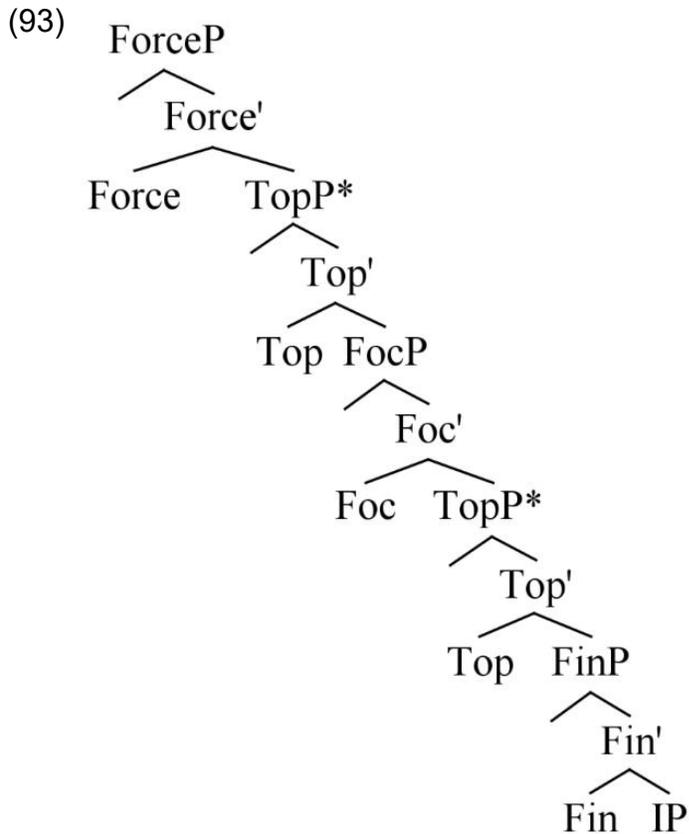


Esse segundo movimento/alçamento do núcleo nominal para antes do pronome relativo, ou seja, para o Spec do DP_{REL} é motivado, de acordo com Bianchi (1999), pelo DP externo à relativa (D_{EXT}). O D_{EXT} tem traços nominais [+N] que precisam ser checados com uma categoria [+N]. Essa checagem de traços só é possível quando o núcleo nominal é alçado para Spec do DP_{REL} . Estando nessa posição, adjacentes, ocorre além da checagem dos traços, o fenômeno da incorporação: o DP_{EXT} incorpora o D_{REL} . “Tal incorporação tornar-se-ia possível quando dois DPs são adjacentes. Depois da incorporação, D externo e D interno à cláusula se tornam unificados, e a relação estabelecida entre o D interno e o NP por ele selecionado passa a ser a mesma em relação ao D externo e esse NP.” (Kenedy, 2023, p. 57-58).

Bianchi suggested that the movement of the head noun is triggered by merging the external determiner in the structure. This external D has a selectional N-feature that needs to be checked by a [+N] category. The CP complement of D does not have

such a feature, thus the NP must move to a position within the minimal domain of the external determiner where it can check its N-feature.” (Bentea, 2010, p. 180).²⁰

Em abordagem cartográfica, seguindo Rizzi (1997), o CP é composto por diversas camadas/projeções, sendo as camadas Force e Fin as estruturas limites do CP, conforme árvore repetida abaixo como (93):



Dentro desse sistema complementizador, Rizzi (1997) observa que os pronomes wh-relativos ocupam uma posição mais alta do que os pronomes wh-interrogativos. Para ele, a partir dos dados do italiano, a projeção mais alta do CP, ou seja, Spec de ForceP, é onde os pronomes relativos são acomodados:

²⁰ Tradução livre: “Bianchi sugeriu que o movimento do substantivo principal é desencadeado pela fusão do determinante externo na estrutura. Este D externo possui um recurso N seletional que precisa ser verificado por uma categoria [+N]. O complemento CP de D não possui tal característica, portanto o NP deve se mover para uma posição dentro do domínio mínimo do determinante externo onde possa verificar sua característica N.”

(94) a. Un uomo a cui, il premio Nobel, lo daranno senz'altro
 'Um homem a quem, o Prêmio Nobel, o darão certamente

b.*Un uomo, il premio Nobel, a cui lo daranno senz'altro
 '*Um homem, o Prêmio Nobel, a quem o darão certamente'

(RIZZI, 1997, p. 298, tradução nossa)

(95)

a. Ecco un uomo a cui IL PREMIO NOBEL dovrebbero dare (non il premio X)

'Aqui está um homem a quem O PRÊMIO NOBEL deveriam dar (não o prêmio X)'

b.*Ecco un uomo IL PREMIO NOBEL a cui dovrebbero dare (non il premio X)

'*Aqui está um homem O PRÊMIO NOBEL a quem deveriam dar (não o prêmio X)'

(RIZZI, 1997, p. 298, tradução nossa)

A partir das sentenças acima, Rizzi (1997) conclui que, no italiano, o pronome relativo *a cui* (a quem) precede o tópico (conforme 94), *il premio Nobel* (o prêmio Nobel), e o foco (conforme 95), *IL PREMIO NOBEL*. (94a) mostra que não é possível o tópico preceder o pronome relativo. O mesmo fato é visto em (95b). Já o pronome *wh* das interrogativas, segundo o autor, ocupa uma posição mais baixa: o pronome *wh* interrogativo segue o tópico, como podemos observar no contraste em (96a) e (96b) abaixo, e, por competir pela mesma posição do foco, conforme agramaticalidade das sentenças em (97a) e (97b); é dito que o pronome *wh* interrogativo ocupa a posição e FocP (Rizzi, 1997, p. 298).

(96) a. *A chi, il premio Nobel, lo daranno? (Rizzi, 1997, p. 298)

b. Il premio Nobel, a chi lo daranno? (Rizzi, 1997, p. 298)

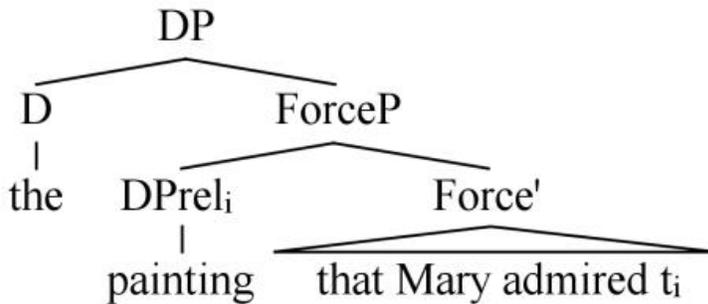
- (97) a. *A chi IL PREMIO NOBEL dovrebbero dare? (Rizzi, 1997, p. 298)
 b. *IL PREMIO NOBEL a chi dovrebbero dare? (Rizzi, 1997, p. 298)

Seguindo a proposta de Rizzi (1997), Bianchi (1999 apud Bentea, 2010, p. 183) propõe análises diferentes para as relativas a depender do tipo de relativa: *that*-relative ativam o ForceP; zero-relatives ativam o Spec de TopP e *wh*-relatives ativam o TopP e o ForceP:

that-relatives involve Force head, while zero-relatives display a phonetically null lower functional head, which Bianchi (1999) identifies as Topic. *Wh*-relatives, on the other hand, activate both the Force layer, and the Topic layer, by first moving the relative DP in the Spec of Topic, and then raising the relative NP do the spec of Force to enter the required checking configuration with the external determiner. (Bentea, 2010, p. 183)²¹

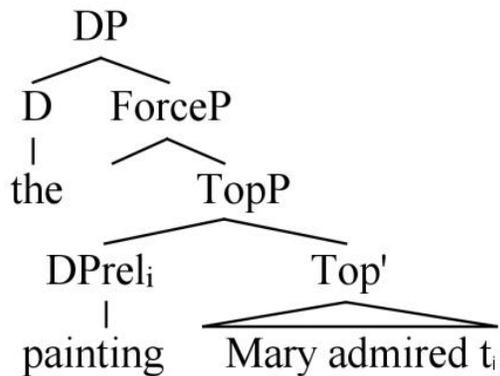
Essas análises estão representadas nas árvores abaixo:

(98)

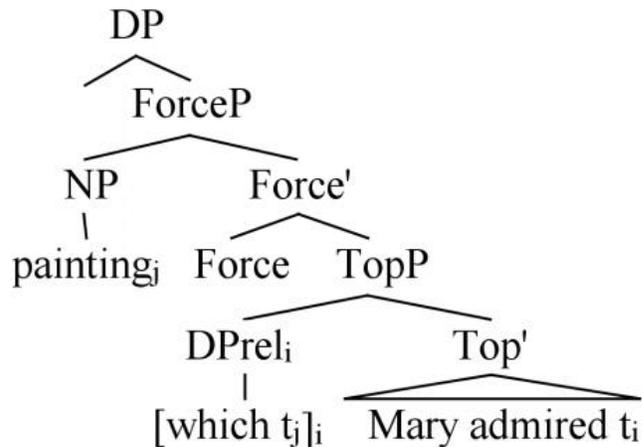


²¹ Tradução livre: “*that*-relatives envolvem pivô em Force, enquanto zero-relatives exibem um pivô funcional inferior foneticamente nula, que Bianchi (1999) identifica como Tópico. As *wh*-relatives, por outro lado, ativam a camada Força e a camada Tópico, primeiro movendo o DP relativo no spec do Tópico e, em seguida, alçando o NP relativo para o spec de Force para checagem necessária com o determinante externo.”

(99)



(100)



Segundo Bentea (2010), seguindo Bianchi (1999), o italiano não permite estruturas do tipo de (99) e (100). Portanto, em italiano, a camada do TopP não é ativada para a relativização. Bianchi (1999 apud Bentea, 2010) estipula, então, que há línguas em que o TopP têm traços [+declarativo] e [+relativo] e há línguas em que TopP é [-declarativo] e [-relativo]:

(101) ± (Topic^o optionally supports the features [+declarative] and [+relative])

(Bianchi, 1999, p. 186 apud Bentea, 2010, p. 183)

Por esse parâmetro, descrito em (101), diremos que o inglês marca a camada do Tópico como positiva, ou seja, Tópico é especificado com traço [+relativo] e [+declarativo] já que a língua, como afirma De Vries (2002), tem *that*-relatives; zero-relatives e *wh*-relatives. Por outro lado, o italiano marca o parâmetro em (27) como negativo ([-relativo] e [-declarativo]), pois, nessa língua: (i) não há *that*-relatives, nem zero-relatives e (ii) por ser impossível apagar o complementizador em sentenças declarativas.

Assim, em italiano, o DP_{REL} move-se para ForceP para checar o traço [+relative] (já que TopP não tem esse traço) em uma configuração Sepc-Head. Em Romeno, Bentea (2010) mostra que *wh*-relatives e *that*-relatives são possíveis, mas zero-relatives não. Ela também mostra que nas relativas do romeno não é possível *wh* e *that* ocorrerem simultaneamente e também não é possível apagar o complementizador em sentenças declarativas (o que é uma forte evidência de que o núcleo de Force deve ser projetado/realizado explicitamente na sentença). Observe os exemplos abaixo, do italiano em (28) e do romeno em (29):

(102) a. il libro che ho letto

b. * il libro il quale ho letto

c. * il libro ho letto

d. il modo in cui agiva

(103) a. lingvistul pe care l-am văzut la conferință

b. lingvistul ce l-am văzut la conferință

c. * lingvistul l-am văzut la conferință

d. * lingvistul pe care ce l-am văzut la conferință

e. Maria mi-a spus că îl cunoaște pe Ion.

f. * Maria mi-a spus îl cunoaște pe Ion.

Nos exemplos anteriores, podemos verificar que, na esteira de Bentea (2010), as sentenças tornar-se-ão agramaticais, como em (102b-c) e (103c-d-f).

Ao que tudo indica, as relativas do PB se comportam como as do italiano e do romeno, ou seja, o DP_{REL} move-se para Spec de ForceP, projeção mais alta do CP. Observe os exemplos:

(104)

a. A estudante a quem, o certificado do curso, eu entregarei está doente.

b. *A estudante, o certificado do curso, a quem eu entregarei está doente.

(105)

a. Esta é a estudante a quem O CERTIFICADO deveriam entregar (não o diploma).

b. *Esta é a estudante O CERTIFICADO a quem deveriam entregar (não o diploma).

Os exemplos em (104) e (105) corroboram a aproximação do PB com o romeno e o italiano. Em (105a), temos o pronome relativo precedendo o tópico [o certificado do curso], enquanto em (30b), ao posicionarmos o pronome relativo *quem* após o tópico, observamos a agramaticalidade da sentença. Em (105), ao anteceder o foco [o certificado], a sentença verifica-se gramatical (cf. 105a), entretanto, se o pronome relativo *quem* suceder o foco, como mostra (105b), a sentença é impossível. Observe que ao contrário do pronome *wh* interrogativo; o pronome *wh* relativo pode co-ocorrer com foco (cf. 105a em oposição ao par de 97, acima), revelando, uma vez mais, que o *wh* relativo e o *wh* interrogativo não devem ocorrer na mesma posição.

Em relação ao parâmetro descrito em (101), acima, os dados do PB se assemelham aos do romeno:

(106) a. A professora que eu vi (relativa com *wh*)

b. Minha cachorrinha que sumiu (*that-relative*)

c. *A professora eu vi saiu da escola (*zero-relative*)

d. *A prova que que a professora aplicou foi difícil (comp duplamente preenchido)

- e. A professora pediu que nós entrássemos (declarativa com QUE)
- f. *A professora pediu entrássemos (declarativa sem QUE)

A relativa de (106a) evidencia que, no PB, há relativas com pronome-*wh*. No capítulo um, vimos que é possível construções de relativas com os pronomes *quem*, *o que*, *qual*, *que*, *cujo*, *quando* e *quanto*. Em (106b), uma relativa com *que*, pode ser considerado um pronome relativo, como afirmam Kato (1993), Kato e Nunes (2009), e pode ser considerado um complementizador, como aponta Tarallo (1983). O estatuto desse *que* merece um estudo aprofundado e detalhado no PB.

Nesta dissertação, seguindo os argumentos de Kato (1993), Kato e Nunes (2009) e Nickel (2017), vamos considerá-lo um pronome relativo, mas não descartando a possibilidade de ser um complementizador²². O que se pode afirmar é que, no PB, o *que* parece estar em distribuição complementar com o relativo já que não é possível termos um pronome relativo e um *que* ao mesmo tempo (106d). Ao contrário do inglês, em PB, o apagamento do *wh* (sendo relativo ou complementizador), ou seja, as *zero relatives*, não são possíveis, como mostra o dado em (106c). De forma semelhante, o apagamento do complementizador em sentenças declarativas também leva a sentença a ser agramatical, como mostra o par de dados em (106e) e (106f), revelando que a projeção de ForceP deve ser fonologicamente realizada.

Essa forma, a projeção de Tópico, nas relativas do PB, é [-declarativa] e [-relativa], à semelhança do que ocorre com as relativas do italiano e do romeno. Além disso, assim como no Romeno (conforme agramaticalidade das sentenças (107b) e (107d), no PB, nenhum sintagma pode estar entre o Núcleo Nominal e o pronome relativo.

(107) Dados do Romeno

- a. [Mihai va intâlni într-o zi fata care] (Bentea, 2010, p. 185)

²² Observa-se, na variação linguística presente no estado de São Paulo, mais precisamente ao interior do estado, o surgimento de sentenças como [me perguntaram na onde que eu estacionei meu carro]. Caso esse tipo de sentença seja possível, pode-se afirmar que o [que] é um complementizador. Relativas desse tipo merecem atenção em estudos futuros.

b. * [Mihai va întâlni într-o zi fata, un astfel de comportament] (Bentea, 2010, p. 185)

c. [Câștigătorul este persoana care O CARTE a cumpărat] (nu un CD) (Bentea, 2010, p. 185)

d. * [Câștigătorul este persoana care O CARTE a cumpărat (nu un CD)] (Bentea, 2010, p. 185)

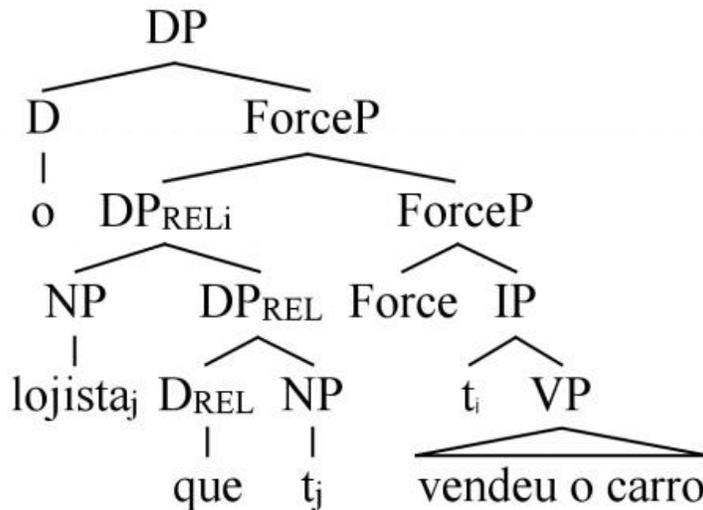
(108) PB

a. O vencedor é a pessoa que comprou um livro.

b. *O vencedor é a pessoa este tipo de intelectual que comprou um livro.

Em resumo, vimos que o PB tem relativas com pronome relativo, parece não ter relativas com complementizador nem as chamadas *zero relatives*, não permite o Comp duplamente preenchido nas relativas e nem que haja material interveniente entre o Núcleo Nominal e o pronome relativo. Ademais, pronome relativo das relativas restritivas do PB precede os elementos topicalizados e focalizados (cf. exemplos em 85 e 86) e todo o DP_{REL} deve ser movido para a posição mais alta do sistema CP: o spec de ForceP. Dessa forma, concluímos que as relativas do PB, assim como as do romeno, seguem a ordem [[DP_{REL}] Force] > Tópico > Foco. Assim, em cartografia sintática, a projeção do CP, seria assim representada:

(109) [O lojista que vendeu o carro] mora aqui.



Acima, podemos identificar, por fim, o DP_{REL} ocupando a posição de spec de ForceP, em que a sentença relativa ocupa uma posição mais alta que um constituinte topicalizado, que viria subsequente. Além disso, o NP [lojista] é alçado à posição de spec do DP_{REL}.

3.3 Considerações finais do capítulo 3

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico acerca dos estudos cartográficos, programa que tem ganhado destaque e despertado atenção de diversos estudiosos, tanto do PB, quanto de outras línguas. Na esteira de Tescari Neto (2020) e Guesser (2020), e seguindo colocações de Rizzi (1997), verificamos a projeção do CP dentro dessa perspectiva em informações voltadas para fora da sentença (informações sobre o tipo sentencial) e voltadas para dentro da sentença (finitude).

Sendo assim, o CP passa a ter projeções de Força e Finitude, e devem estar presentes em todas as representações. Ainda, é na camada do complementizador que projetamos sentenças topicalizadas (TopP) e focalizadas (FocP). Rizzi (1997) afirma que as articulações referentes ao tópico e ao foco também terão suas próprias projeções, uma vez que existem apenas.

Vimos que, em se tratar das articulações citadas acima, encontramos a primeira, tópico-comentário, em que existe uma constituinte topicalizado expressando uma informação conhecida e um comentário sobre esse tópico. Paralelamente, na articulação foco-suposição, existe um constituinte focalizado com acento entonacional e uma suposição, que deve ser uma informação não compartilhada entre os interlocutores (Guessier, 2020).

Na sequência do capítulo, verificamos que o estatuto do [que] pode apresentar distintas interpretações. Enquanto uns o consideram complementizador (Tarallo, 1983), outros irão considerá-lo pronome relativo (Kato, 1993; Kato, Nunes, 2009; Nickel, 2017). Por meio de cinco argumentos, Nickel (2017) pontua a aceção de que o [que] seja um pronome relativo em PB.

Por fim, verificamos as representações cartográficas das sentenças, com auxílio de pontuações importantes em Bentea (2010) e Bianchi (1999), em que pudemos apresentar, inclusive, exemplos em outras línguas. A partir disso, vimos a aproximação do PB com o romeno e o italiano.

Considerações Finais

Sabemos que os estudos acerca das orações relativas possuem considerável relevância. Há muito tempo, esse fenômeno linguístico desperta o interesse dos mais importantes pesquisadores. Ademais, recentemente, o modelo mais assertivo pelo qual as orações relativas devem ser descritas tornou-se alvo de grande atenção, uma vez que o Modelo *Raising* ressurgiu mediante estudos de Kayne (1994) e seu LCA, em oposição ao Modelo Tradicional de Chomsky (1977), mostrando-se ser o modelo mais adequado..

Além disso, procuramos projetar as relativas restritivas no modelo cartográfico, que é uma abordagem teórica recente, de importante relevância e que tem crescido dentro dos estudos linguísticos. É essencial destacar que há poucos trabalhos e, até então, nenhum trabalho em PB que objetive projetar as sentenças relativas como este trabalho pretendeu.

Dessa forma, nesta dissertação, buscamos descrever as orações relativas restritivas do português brasileiro através do Modelo *Raising* em uma perspectiva cartográfica. Para isso, primeiramente, no primeiro capítulo um, apresentamos as propriedades das sentenças relativas, e vimos que elas possuem diversas maneiras de se estruturar a depender da língua. Para o PB, a partir de De Vries (2002), nos interessou:

- o status hierárquico da relativa
- a presença de um núcleo
- a presença do pronome relativo
- a presença do complementizador
- a presença do pronome resumptivo
- a posição hierárquica do núcleo
- a ordem linear do núcleo e da relativa
- a flexão verbal da relativa
- a posição do determinante
- o tipo de modificação

Podendo ser classificada, em PB, em relativa com núcleo ou relativa livre (sem núcleo), nos interessou, no decorrer do trabalho, as características das relativas com núcleo, mais precisamente as relativas restritivas. Uma oração relativa com núcleo é uma sentença encaixada encabeçada por um núcleo nominal (pivô ou antecedente), como a seguir, em que temos o NN [filme] encabeçando a relativa [filme que eu assisti]:

(110) O **[filme]** que eu assisti foi aterrorizante.

O NN, nas relativas do PB, se posiciona internamente, conforme o Modelo *Raising*, e também são pós-nominais. Na mesma sentença, em (110), vemos a estrutura da relativa com o núcleo interno [filme] e a relativa seguindo após o nome. Esse núcleo, em relação à posição do determinante do NN, classifica-se em determinante inicial.

No que se refere à presença ou não de complementizador, ainda não há consonância. Sabe-se que há pronomes relativos nas sentenças relativas, contudo, o [que] traz algumas margens para estudo. Tarallo (1983) o considera complementizador, com exceção das *pied-piping*, enquanto Kato (1993) considera-o um pronome relativo. Adotamos, por fim, o [que] como pronome relativo, seguindo argumentos pertinentes assinados por Nickel (2017), replicados abaixo:

(111)

- Impossibilidade de a preposição preceder um complementizador (apud Brito, 1988, Kayne, 1976; Cinque, 1978);
- Possibilidade de o complementizador ser omitido (apud Kenedy, 2014);
- Impossibilidade de o complementizador exercer função sintática (e papel temático) (Nickel, 2017);
- Possibilidade de o que estar em distribuição complementar com outros relativos, ao contrário do que ocorre com complementizadores prototípicos (Nickel, 2017);

- Impossibilidade de o complementizador introduzir interrogativas (apud Kato; Nunes, 2009)

Reforçamos que os estudos sobre o estatuto do [que] podem ainda ser mais aprofundados, visto que ainda não há uma unanimidade entre os pesquisadores. Outras características acerca das relativas abordadas no capítulo um são em relação à flexão verbal e a possibilidade, no PB, de uma relativa ser finita e também infinita. Além disso, vimos que há a possibilidade da presença de um pronome resumptivo, com mais recorrência quando houver, também, a presença do pronome-wh que.

Na sequência da dissertação, apresentamos as propriedades semânticas das relativas. De Vries (2002) estabelece três grupos: as apositivas (explicativas), as restritivas e as de grau. As duas primeiras são mais conhecidas entre os estudiosos. Por se diferenciarem somente na interpretação, as relativas apositivas e explicativas podem trazer uma diferenciação através da prosódia, e, na escrita, a apositiva apresenta uma vírgula, como a seguir:

(112) a. Encontrei meus amigos que moram em Londres no final de semana.
(relativa restritiva)

b. Encontrei meus amigos, que moram em Londres, no final de semana.
(relativa apositiva/explicativa)

Para melhor visualização da diferença de interpretação de ambos os tipos, apresentamos duas figuras (interseção de conjuntos e coincidência entre conjuntos), que seguiram exemplos de De Vries (2002).

Em se tratando das propriedades lexicais das relativas, ainda no capítulo um, apresentamos os pronomes relativos que as introduzem, são:

(113)

Quando; Como; Onde; Que; A qual; Cujo; O que; Quem; Quanto;

Observamos que eles se diferem em determinadas circunstâncias, como flexão de gênero e/ou número (qual, cujo e quanto) ou traço semântico específico, ou seja, somente podem relacionar-se com núcleos nominais que seguem os mesmos traços (Marchesan, 2008, 2012; Móia, 1992). São eles:

(114)

- quem = traço [+humano]
- o que = traço [-humano]
- quanto = traço [+quantia]
- quando = traço [+tempo]
- onde = traço [+lugar]
- como = traço [+modo]

Vale ressaltar que, dentre os pronomes acima, o [onde] parece estar ganhando uma nova atribuição. Em exemplos retirados de textos disponíveis de forma online, vimos que o [onde] parece estar ocupando o mesmo lugar em que vemos o [que], com possibilidade de recursividade e não especificação de lugar. Destacamos que, nesta dissertação, não depositamos atenção suficiente neste novo traço apresentado pelo [onde], e acreditamos que trabalhos subsequentes com estudos acerca sobre os novos usos desse pronome venham a ser de grande proveito.

A respeito das classificação das relativas, com auxílio de Tarallo (1983), principalmente, e Kenedy (2002, 2023), optamos por separá-las em dois grupos: padrão e não padrão. Para melhor ilustração, assim ficou a classificação:

(115) Relativas Padrão:

a. DP

O [[[bolo]_i [que t_i]]_k eu fiz [DP t_k]] está arruinado.

b. PP (*pied-piping*)

A [[mulher]_i [PP para quem t_i]]_k telefonei [PP t_k] venceu o concurso de literatura.

- c. Com preposição órfã;

Eu encomendei o [bolo_k que t_k]_i eu não vive sem [ec]_i.

Relativas Não Padrão:

- d. Resumptiva DP;

O [[[bolo]_i [que t_i]]_k eu fiz [DP ele_k]] está arruinado

- e. Resumptiva PP (*pied-piping*);

A [[mulher]_i [DP que t_i]]_k eu telefonei [PP para ela_k] ontem venceu o concurso de literatura.

- f. Cortadora.

A mulher que eu conversei [com] ontem está com covid.

Pertinentemente, podemos diferenciá-las a partir de Tarallo (1983) e Valer (2008). Temos uma relativa padrão DP (115a), pois todo o DP move-se à periferia esquerda; em (115b), o alvo da relativização é um PP, que move-se à periferia esquerda, portanto, relativa padrão PP. Em caso de presença de um pronome lembrete/pronome resumptivo, como em (115d) e (115e), será relativa resumptiva DP, quando o alvo for um DP, e relativa resumptiva PP, se o alvo for um PP.

As relativas cortadoras são aquelas em que há um apagamento da preposição subcategorizada pelo verbo, como em (115c), muito comum no PB. Já (115f), exemplo de uma relativa com preposição órfã, não é tão comum no PB, e funciona somente para algumas preposições: sobre, sem e contra, ocorre quando uma preposição permanece em sua posição *in situ* (assim como no inglês, por exemplo).

Ao final do primeiro capítulo, realizamos os testes quanto à possibilidade de cada pronome relativo exercer determinadas funções sintáticas (sujeito, complemento do verbo, complemento da preposição e adjunto do VP/adjunto adverbial).

Por meio de um quadro explicativo, apresentamos os resultados obtidos. Esses resultados foram:

Quadro Resumo

Sujeito	Compl. do verbo	Compl. da preposição	Adjunto do VP	Adjunto do NP
<i>que</i>	<i>que</i>	<i>que</i>	<i>quando</i>	<i>cujo</i>
	<i>onde</i>	<i>qual</i>	<i>onde</i>	
		<i>o que</i>	<i>como</i>	
		<i>quem</i>		
		<i>quanto</i>		
		<i>onde</i>		
		<i>como</i>		

Fonte: Elaborado pelo autor

No quadro acima, encontram-se os pronomes que apresentaram valor de gramaticalidade para as funções sintáticas identificadas. Lembrando que, para realizar esses estudos, baseamo-nos no Modelo *Raising* de análise, foco do segundo capítulo dessa dissertação.

No capítulo dois da dissertação, consideramos o Modelo *Raising* como o modelo que melhor descreve a estrutura de uma sentença relativa. Vimos que na década de 70, com trabalhos de Schachter (1973), Vergnaud (1974) e Brame (1976) o *Raising* surgia. Estes autores foram importantes para Kayne, posteriormente, retomar os estudos sobre o *raising*. Basicamente, para este modelo, o núcleo nominal das relativas é um constituinte que nasce internamente à relativa, movendo-se de sua posição à periferia esquerda da sentença.

Como já mencionado, Kayne (1994) e seu LCA, retomam os estudos sobre o *raising*. A ideia do LCA consiste no conceito do c-comando assimétrico, estabelecendo uma hierarquia entre os constituintes, resultando na seguinte caracterização de uma relativa: um CP que é argumento de um determinante externo.

No capítulo dois podemos ver importantes ilustrações, isto é, as representações arbóreas de sentenças relativas aplicadas ao Modelo *Raising*. Com o auxílio de Kenedy

(2023), alguns argumentos importantes pontuados por Kayne (1994) à favor do modelo *raising* foram testados no PB, corroborando a aceção de que a relativa seja um CP selecionado por um DP. Abaixo, organiza-se os argumentos observados por Kayne (1994):

(116)

- (i) a correlação entre o determinante e a relativa;
- (ii) a relativização com uso de expressões idiomáticas;
- (iii) a relativização com o uso de expressões coordenadas e
- (iv) o licenciamento dos artigos *o/os/a/as* em sentenças que contêm relativas.

Em contrapartida, Borsley (1997) apresenta críticas ao *raising*, afirmando haver um choque de Casos. Em sua concepção, o NN recebe tanto Caso acusativo quanto Caso nominativo. Ademais, para o autor, outro problema ocorreria, pois o sintagma que é alçado à periferia não pode ser um NP, uma vez que ele precisaria ser licenciado por DPs para ocupar essa posição.

Pertinentemente, Bianchi soluciona esses apontamentos de Borsley, propondo um refinamento à análise de Kayne (1994). A autora, em relação ao problema do choque de Casos, relembra que os Determinantes são quem possuem a propriedade de marcação de Caso. Dessa forma, por conta dos movimentos da relativa, Bianchi (2000) pode solucionar o problema: o verbo atribui Caso Acusativo ao D externo, o D relativo carrega Caso Nominativo que lhe foi atribuído na sentença relativa. Ao movimentar-se, o N é regido pelo D externo, e o Caso desse determinante é copiado para o núcleo nominal, sendo pronunciado na forma de Caso Acusativo.

Para o segundo problema, vimos que Bianchi (2000) propõe um apagamento por incorporação, isto é, o D relativo é incorporado ao D externo quando checam traços. Isso ocorre, pois, para a autora, os movimentos precisam ser motivados, nesse caso, para checar traços.

O segundo capítulo foi uma revisão importante dos estudiosos dos modelos de análise das relativas. Para o terceiro capítulo, objetivamos, portanto, projetar as relativas restritivas do PB em perspectiva cartográfica.

De modo introdutório, o capítulo três iniciou-se por um breve história sobre a abordagem cartográfica. Enfatizamos a grande e recente relevância que esse programa contempla. Desse modo, apresentamos estudiosos como Tescari Neto (2020, 2021) e Guesser (2020), que têm se dedicado à cartografia sintática com primor.

O programa cartográfico busca mapear a ordem e a distribuição dos constituintes sintáticos identificando a hierarquia entre eles de modo detalhado (Tescari Neto, 2020). Para essa abordagem, projetamos em três camadas a estrutura sintática: CP (complementizador), IP (flexional) e VP (lexical). As relativas são alojadas na camada do complementizador.

O CP, por Rizzi (1997), exprime duas informações, uma voltada para dentro da sentença, chamada Finitude (Fin), e outra voltada para fora da sentença, chamada Força (force). Sendo assim, vimos que o CP passa a ter projeções de Força e Finitude. Entre elas, estão ensanduichadas projeções de Tópico (117a) e Foco (117b):

(117)

a. Il tuo libro, lo ho comprato

‘O seu livro, eu o comprei’

(Rizzi, 1997, p. 289, tradução nossa)

b. IL TUO LIBRO ho letto (non il suo)

‘O SEU LIVRO eu li (não o dele)’

(Rizzi, 1997, p. 289, tradução nossa)

Tópico e Foco possuem seus próprios sistemas de projeção. A articulação tópico-comentário apresenta um constituinte topicalizado que expressa informação já conhecida, enquanto o comentário é o predicado aplicado a esse tópico. Já a articulação foco-suposição envolve um constituinte que possui entonação mais marcada, e o restante da sentença transmite informação não pressuposta. Somente a articulação tópico-comentário pode aparecer mais de uma vez, a focalização de mais de um constituinte é impossível (Rizzi, 1997).

Com base na teoria, pudemos, na sequência, representar as relativas restritivas do PB em perspectiva cartográfica. Destacamos que, em síntese, os resultados do estudo aqui presente foram atingidos do modo que esperávamos. A análise dos dados revelou que o Modelo *Raising* é o modelo de análise mais adequado às sentenças relativas.

É evidente que este trabalho representa uma parcela do que representam as relativas para os estudos linguísticos, e outras pesquisas podem e devem surgir futuramente. Pontuamos que a aplicação das relativas apositivas e relativas livres, por exemplo, em abordagem cartográfica serão de grande valia e consideração para os estudos atuais, contribuindo significativamente para o conhecimento na área.

Referências Bibliográficas

CHOMSKY, A. N.. ***Lectures and Government and Binding***. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

BERTOLI, G. **Michel Macedo analisa expectativa da temporada do Ceará: ‘Foco total no acesso’**. TNT Sports, 13 maio 2023. Disponível em: <https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/Michel-Macedo-analisa-expectativa-da-temporada-do-Ceara-Foco-total-no-acesso-20230518-0006.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRITO, A. M. B. de. **A sintaxe das orações relativas em português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos**. 1988. 437f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1988.

BIANCHI, V.. **Consequences of antisymmetry: headed relative clauses**. Berlin - New York: Mouton de Gruyter, 1999.

BIANCHI, V. **The Raising Analysis of Relative Clauses: A Reply to Borsley**. *Linguistic Inquiry*, Volume 31, Number 1, Winter, 123–140, 2000.

BORSLEY, R. D. **Relative clauses and the theory of phrase structure**. *Linguistic Inquiry* 28:629–647, 1997.

CINQUE, G; RIZZI, L. **The Cartography of syntactic structures**. *STiL - Studies in Linguistics - CISCL Working Papers on Language and Cognition*, Siena, v - 2, p. 42 - 58, 2008.

GROSU, A. & LANDMAN, F. **Strange relatives of the third kind**. *Natural Language Semantics*, v.6, p.125-170, 1998.

GUESSER, S. **Complementizador, cartografia e o português brasileiro: uma introdução**. In QUAREZEMIN. S.; TESCARI NETO, A. A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica. 1 ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

KAYNE, R. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1994.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KENEDY, E. **A antissimetria da sintaxe em orações relativas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 149p.

KENEDY, E. **A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas**. Tese de Doutorado - Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português** — uma análise baseada no modelo raising. Dissertação - Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

KENEDY, E. **Estruturas sintáticas de orações relativas** In: BISPO, Edvaldo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (org.). Oração relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas. Niterói: ed. da UFF, 2014. p. 11-46.

MARCHESAN, A. C. **As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade**. 2008. 99 p. Dissertação (Mestrado) - UFSC, 2008

MARCHESAN, A. C.. **As relativas livres no português brasileiro**. 2012. 227 p. Tese (Doutorado) - UFSC, 2012.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C.. **Relativas livres**. In: BISPO, Edvaldo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (org.). Oração relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas. Niterói: ed. da UFF, 2014. p. 47-74.

MARRA, M. **Como a Inglaterra asfixiou e massacrou o Irã e por que isto vale uns dias de paz a Southgate.** ESPN, 21 nov. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/mariomarra/819942_mac-allister-chegou-e-e-possivel-imaginar-um-novo-liverpool-com-arnold-no-meio-campo. Acesso em: 20 jun. 2023.

MEDEIROS JUNIOR, P. **Sobre sintagmas-Qu e Relativas Livres no Português.** Dissertação de Mestrado. UnB, Brasília – DF, 2005

MIOTO, C.. **As interrogativas no português brasileiro e o critério WH.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 19-33, junho 1994.

NICKEL, R. **O estatuto dos itens lexicais [que] e [o que] contidos nas relativas.** 2017 (Dissertação), Universidade Federal da Fronteira Sul.

PILHAL, A. **Rogério Ceni não seria ‘M1to’ sem as conquistas: ano do São Paulo depende, sim, do título da Sul-Americana.** ESPN, 15 set. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/andreplihal/819165_rogerio-ceni-nao-seria-m1to-sem-as-conquistas-ano-do-sao-paulo-depende-sim-do-titulo-da-sul-americana. Acesso em: 30 maio 2023.

RIZZI, L. **The fine structure of the left periphery.** In. HAEGEMAN, L. (Org.). Elements of grammar: handbook of generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997, p. 281-337. 1997

RIZZI, L.; CINQUE, G. **The left periphery of the clause** - Primarily illustrated for Italian. In: Blackwell Companion to Syntax, II edition. Blackwell Publishers, 2017.

TESCARI NETO, A. **O programa cartográfico e o desenho dos mapas da sintaxe das línguas naturais.** In QUAREZEMIN. S.; TESCARI NETO, A. A sintaxe do

português brasileiro em perspectiva cartográfica. 1 ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

TESCARI NETO, A. **Sintaxe Gerativa**: uma introdução à cartografia sintática. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

VRIES, M. de. **The Syntax of Relativization**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Netherlands Graduate School of Linguistics: LOT, 2002. 477p.

VRIES, M. de. **Patterns of Relative Clauses**. *Linguistics in the Netherlands*, 18, 2001. 231-243.teste